

Curso Online de Filosofia

Olavo de Carvalho

Aula 36
12 de dezembro de 2009

[versão provisória]

Para uso exclusivo dos alunos do Curso Online de Filosofia.
O texto desta transcrição não foi revisto ou corrigido pelo autor.
Por favor não cite nem divulgue este material.

Sejam bem-vindos. Boa tarde a todos.

Hoje quero começar com algumas observações: primeiro, vou falar sobre o problema do que podemos chamar de educação doméstica; em seguida, passarei mais um exercício; e por último, complementarei a questão do debate inaugural da modernidade, dada na aula anterior.

Sobre a educação doméstica, é o seguinte: Nós estamos atravessando uma fase em que uma elite, muito bem preparada e amparada política e financeiramente, criou do nada todo um novo conceito de civilização que está sendo implantado há mais de cinquenta anos, mediante ações cujo sentido geralmente escapa à opinião pública. Eis é o dado fundamental da nossa época: hoje a implantação do governo global é o centro da história mundial. Essa operação não é absolutamente secreta — seria impossível manter secreta algo desse tamanho —, mas ela escapa ao horizonte de consciência da população pela complexidade e pela enorme quantidade de informações existentes. Por exemplo, o livro básico sobre o assunto — o “abc” da nova ordem mundial, de Carrol Quigley, *Tragedy and Hope* — tem 1200 páginas (e que eu saiba, só existe em língua inglesa), e ele é apenas o começo. Quem não leu esse livro, não sabe o que está acontecendo. Mas ele é só o começo, não está tudo aí: atualmente a bibliografia sobre o assunto é imensa. Por um lado é imensa, e por outro lado jamais chamou a atenção do grande público, ficando sempre restrita a um pequeno círculo de estudiosos, sejam aqueles que participam do próprio projeto, sejam aqueles que se opõem ao projeto. O tema da Nova Ordem Mundial, de fato, só é conhecido pelos adeptos e pelos inimigos — pelo vasto público, não. É como se fosse uma luta de boxe em um estádio vazio, onde só estão os dois lutadores e respectivos empresários: ninguém sabe que a luta está acontecendo, as arquibancadas todas vazias.

Chamar esse projeto de “governo mundial” — às vezes as pessoas não entendem direito — é uma metonímia: eu estou designando o todo por seu aspecto puramente administrativo, mas quando se examina, por exemplo, o livro do Lee Penn, *False Dawn (Falsa Aurora)*, sobre o projeto de unificação das religiões, de criação de uma nova religião globalista, vê-se que, na verdade, é um projeto até mais abrangente que o do governo mundial: mais abrangente, mais básico, mais fundamental e mais antigo — o pessoal está trabalhando nele há muitas décadas. Quando se percebe o “tamanho” das pessoas envolvidas, constata-se que praticamente todos os presidentes americanos dos últimos 40 anos estiveram, de algum modo, metidos nisto; todos eles — Clinton, Bush, Ronald Reagan, e agora Obama — colaboraram de alguma maneira. O famoso *Lucis Trust*, que na verdade era *Lucifer Trust* (uma entidade evidentemente satanista) antes de mudar de nome, tinha como um de seus membros Edwin J. Feulner, o atual presidente da *Heritage Foundation* — ou seja, o representante do que seria o atual pensamento conservador cristão era um dos fundadores da nova

religião global. Desse modo, tem-se a idéia de até aonde vai isso. Praticamente todos os grupos bilionários que controlam o sistema bancário, a indústria farmacêutica, petróleo, etc., estão envolvidos com o projeto de, provavelmente, inventar um sincretismo e implantar uma nova religião mundial que seria a solução após um período de desespero causado pela voga ateística. Primeiro espalham o ateísmo em todo lugar; na hora em que ninguém mais agüentar, eles dizem: “Não, vocês têm razão, nós precisamos pensar na salvação da alma, pensar no outro mundo”, e tome nova religião. Essa religião é uma monstruosidade, é espiritualmente abominável e intelectualmente desprezível, mas para massas, que ignoram tudo a respeito de religiões comparadas, etc., vai ser um projeto inteiramente aceitável, semelhante a um período de paz, em que todos nós iremos dar as mãos e veremos o padre oficiando missa junto com o monge budista, com o médium espírita, com o pajé índio: “Olha, que beleza! É a paz universal!” É algo evidentemente farsesco.

Esse projeto é até mais importante do que o da Nova Ordem Mundial. Ele vem sendo implantado a toque de caixa. Uma de suas etapas é tornar proibitivo o exercício das religiões, especialmente o cristianismo, e favorecer a mudança das religiões dos países. Por exemplo, se há uma maioria cristã em um local, tenta-se islamizar a todos; onde há maioria budista, praticamente se proíbe o budismo (como aconteceu no Tibete); após o período de opressão às religiões, haverá a substituição. Nietzsche já dizia: “Você não vence completamente senão aquilo que você substitui”, ou seja, não basta derrubá-lo, é preciso tomar o lugar dele. Esse projeto está em andamento e influencia todas as universidades do mundo, toda a rede de ensino (inclusive a educação infantil), toda a rede médica — as entidades de atendimento psiquiátrico, psicológico, etc. —, enfim, a vida dos lares e a alma de cada um. Atualmente muitas pessoas na faixa dos 20-30 anos tiveram a alma inteirinha formada à luz desses novos valores e símbolos, mas não têm consciência disso. Mesmo quando elas são contra tais coisas e conscientemente não gostam delas, se a alma está viciada não adianta gostar ou deixar de gostar, pois não conseguem conceber uma alternativa. Nosso projeto aqui é tentar retirar dessa nova cultura um certo número de pessoas dotadas, inteligentes e de boa índole, para que elas possam observar esses fatos desde fora e de cima e exercer sobre eles uma análise crítica. Para analisar, a primeira atitude é se desidentificar da nova cultura; aqui há um trabalho não só de estudo, mas de autoconsciência, auto-análise, autocrítica (embora esta palavra tenha uma tradição abominável). Você terá de examinar a presença dessa cultura, não no entorno, nem no meio onde está, mas na própria psique, por onde você está sendo moldado para agir dessa maneira.

Ora, um dos dados fundamentais da nova cultura — e de qualquer cultura — é o tipo de personalidade dominante; o famoso livro de David Riesman, *A Multidão Solitária*, estuda a evolução da história social americana pela sucessão de três tipos de personalidade dominante (esse estudo se refere exclusivamente aos Estados Unidos). Durante o período colonial, a personalidade socialmente aprovada — portanto, a que tinha a autoridade e o acesso aos melhores cargos, etc. — era a do chamado (I) homem tradicionalista, do sujeito apegado à religião dos antepassados, aos usos e costumes consagrados; esse sujeito era o que levava vantagem e representava a sociedade. Se você procurar os Founding Fathers, quase todos, com exceção de Franklin e Jefferson, pertenciam a esse tipo — Franklin e Jefferson eram tipos mais extravagantes, e por isso mesmo às vezes suscitavam alguma resistência no entorno, mas no meio de tantos dois excêntricos não é nada que abale as estruturas institucionais. No período seguinte, a expansão da fronteira americana (a expansão é tão importante na história, que o grande historiador americano Frederick Turner disse que justamente esse fenômeno é a história americana: a história dos Estados Unidos do séc. XIX é a expansão da fronteira) é motivada, em primeiro lugar, pela simples [0:10] necessidade de mais terras para o plantio: à medida que aumentava a população, precisava-se de mais terras; então, ia-se

avanzando na conquista do território. Em segundo lugar, a expansão é motivada também por uma questão religiosa: como estavam imbuídos da idéia da convivência entre as várias religiões “cristãs” (não havia a idéia de uma religião dominante; isso significa que existia uma convivência democrática entre as várias igrejas cristãs; não há menção a budistas, nem a mulçumanos, etc.), todas elas se fizeram representar no momento da fundação dos Estados Unidos: lá havia um montão de protestantes e alguns poucos católicos e judeus, ou seja, eles teriam de conviver, mas ninguém havia pensado na hipótese de outras religiões, mesmo porque estas eram desconhecidas; o próprio Jefferson foi um dos primeiros a ter algum interesse em estudar o islam: por causa de um conflito marítimo com uma nação islâmica — não me lembro qual —, conheceu alguma coisa do corão e ficou horrorizado, mas na época ninguém sabia o que era islam.

Como eles estavam imbuídos da idéia da igualdade das igrejas perante o Estado (todas elas igrejas cristãs: a totalidade dos signatários da Declaração de Independência e da Constituição, a totalidade dos formadores dos primeiros congressos e dos primeiros presidentes, todos eram cristãos e declaravam agir em nome de princípios bíblicos; se alguém tem alguma dúvida quanto ao caráter cristão das instituições e das leis americanas, leia o famoso livro do Benjamin Morris, *Do Caráter Cristão das Instituições Americanas*), à medida que todas eram cristãs, havia uma uniformidade, mas por outro lado havia grande diversidade de igrejas, cada uma com suas respectivas teologias e interpretações bíblicas; a possibilidade de conflitos era muito grande. Porém, como o estado jamais queria tomar partido de uma igreja em face da outra, a igreja tinha de resolver os próprios conflitos, e a maneira mais usual de resolvê-los não era o confronto: uma igreja dominava certa área até que surgisse uma dissidência; se a dissidência não conseguisse convencer a maioria nem derrotar a antagonista, retirava-se para outra parte do território e criava uma cidade com seus próprios costumes etc. — e isso vigora até hoje. O dono da rede Domino’s Pizza é muito católico: como ele não estava se sentindo muito bem no meio protestante, criou uma cidade católica. As cidades fundadas por líderes religiosos para acomodar o seu “rebanho” longe do conflito são muito comuns nos EUA.

A expansão da fronteira e o avanço da civilização americana para o oeste são a própria história americana do séc. XIX (recomendo a leitura do livro, o clássico de Frederick Turner, *A Fronteira na História Americana*). Nesta altura, outro tipo de personalidade se torna dominante: a nova situação social requer não um homem apegado às suas tradições e costumes, mas ao contrário alguém de iniciativa e capaz de inovar e fazer o que os outros nunca fizeram. Daí surge a idéia do (II) *self-made man*, que sozinho ia onde ninguém queria ir. Existe um romance americano clássico, *Cimarron*, de Edna Ferber, que é a história de um *self-made man*, cuja leitura recomendo; não é uma grande obra de literatura, mas é um documento interessante. É a história de um tipo extravagante — um imigrante francês — que participa da Corrida para o Oeste e desempenha um papel importante. Como ele, havia muitos outros; homens com iniciativa para fazer o que os outros sequer haviam pensado eram muito prezados. A partir dos anos 30-40, durante o *New Deal*, quando o estado americano começou a invadir certos setores da vida social que antes estavam sob o controle da própria sociedade, cria-se o terceiro tipo, (III) o homem organizacional, que se adapta bem a macro-organizações, dentro das quais ele é uma pequena peça — como uma formiga no formigueiro, um cupim no cupinzeiro, e assim por diante —; o homem organizacional é uma pessoa sem iniciativa, que só cumpre ordens e se molda às novas exigências ditadas pela firma, pela organização, pela burocracia.

Esse homem se tornou dominante nos Estados Unidos nos últimos anos; sua versão aumentada e radicalizada, com um nível de plasticidade e adaptabilidade muito maior do que o do homem

organizacional, é fomentada pela Nova Civilização Mundial. O livro *The Organization Man*, de William H. Whyte, fala sobre esse tipo: tais homens são pessoas fracas e frágeis, que têm um infinito cuidado consigo; querem um bom padrão de vida, uma vida sossegada e mansa, mas repleta dos benefícios da economia moderna; naturalmente, vêm com horror a perspectiva da própria morte. Vivem cuidando da saúde e da beleza — fazem plástica, botox etc. —, e se alguém lhes olha feio, choram ou então processam quem os olhou: “Ah, mãe! Ele está olhando para mim!”. É um tipo inferior e infantilizado.

A universalização desse homem nos Estados Unidos teve efeitos muito profundos — até fisiológicos. O nível de testosterona no cidadão americano orça em 50% do que era nos anos 50. São homens adultos que falam com voz de criança. Talvez essa tenha sido uma das causas da expansão do movimento gay, embora a baixa testosterona não torne ninguém homossexual, mas sim burro e covarde; no entanto, como uma das expressões dessa burrice e covardia pode ser a timidez excessiva perante uma pessoa do outro sexo, em certos casos o homossexualismo pode surgir como solução ou via menos “perigosa”, em que o sujeito consegue pelo menos conversar com os coleguinhas do mesmo sexo, já que não consegue sequer se aproximar das meninas. Esse efeito também existe no mundo islâmico, onde a vida de homens e mulheres é totalmente separada: as mulheres só podem ficar dentro de casa e os homens saem de mãozinhas dadas na rua, trocando beijinhos. Há uma indução geral à pederastia: os soldados americanos que serviram no Afeganistão voltaram aterrorizados, pois não podiam sair na rua que logo eram agarrados. Esse novo tipo, plástico, adaptável e dócil, que sempre deseja estar de acordo com a maioria, que necessita da aprovação social como do ar que respira, contrasta em 180° com o tipo anterior, o *self-made man*. É claro que nesse meio, o tipo anterior (*self-made man*) continua levando vantagem, porque ele é mais forte do que todos, mas ao mesmo tempo é possível que a desaprovação social seja tão intensa que acabe por liquidá-lo ou marginalizá-lo completamente.

Imagino, por exemplo, como viveria hoje um sujeito que nos anos 40-50 fazia muito sucesso nos EUA, Henry Miller (um dos grandes escritores da América, maravilhoso), cujos livros descreviam uma trepada a cada cinco páginas. Ele era não só um homem priáprico, mas um autor priáprico, cuja vida pessoal era absolutamente extravagante; pior, ele tinha uma sinceridade obscena em contar a sua vida e seus pecados sem enaltecê-los ou desculpá-los — simplesmente contava: “Comi a mulher do próximo; tomei dinheiro emprestado e não devolvi”. Ele contava essas histórias com uma tremenda candura, [0:20] fazendo sucesso extraordinário. Imaginem o que aconteceria hoje com Henry Miller: ninguém iria querer lê-lo (se ele fosse um líder gay, talvez a comunidade gay o aprovasse, mas mesmo assim diriam: “Ele carregou demais na obscenidade, está muito feio.”).

A expressão “cruzou os limites / passou dos limites”, é o que mais se vê na mídia americana. Não importa qual seja o partido: se alguém diz algo de maior intensidade, no dia seguinte sai no New York Times, no American Online, no US News: “Ah!, o fulano passou dos limites”. Não se pode ofender a ninguém. Contudo, a ofensa não depende da intenção, mas da sensibilidade do outro. Algo considerado normal em certo meio ou em certa família, em outro lugar pode ser considerado ofensivo — e é ofensivo porque alguém se sentiu ofendido. É uma sociedade onde paira a intimidação psicológica generalizada – uma espécie de chantagem generalizada, que não se baseia na ameaça efetiva, mas na ameaça de desaprovação. E se não há aprovação, o sujeito não vai subir na profissão, o banco da esquina não vai lhe dar crédito para comprar o automóvel novo, e assim por diante. A desaprovação não é só psicológica, mas se traduz em atos de longo prazo. Quando está só, essa criatura — plástica, adaptável e dócil — é muito fraca, mas quando forma uma

coletividade muito grande se torna perigosa: eis o tipo de homem que, aumentado e aprofundado, se adotou como norma para a Nova Ordem Mundial.

Dentre os traços de personalidade fomentados, o mais estimulado é a rápida adaptação a novos moldes de julgamento e conduta. Tão logo adotada a nova norma, uma elite determina: “Agora tem de ser assim”. Como há uma concentração enorme dos meios de comunicação — meia dúzia de pessoas os comprou a todos —, essa diretiva se espalha rapidamente pela mídia: todos os jornais de repente se tornaram iguais, bem como todos os canais de televisão; quem for diferente automaticamente passa por maluco.

A velocidade de adaptação a tais mudanças culturais é considerada um traço importantíssimo e imprescindível, ou seja, a total falta de caráter é o requisito fundamental para o bom cidadão da Nova Ordem Mundial. Imaginem que se dissesse a esse homem: “A partir de agora, você não pode mais designar o ser humano por *man*, mas por *man and woman*”. Ora, sabe-se que espécies animais inteiras se designam por um de seus membros que, simbolicamente, representa todos os outros. Fala-se “a baleia”, e não “a baleia e o baleio”; “o elefante”, e não “o elefante e a elefanta”, etc. O mesmo se aplicava ao ser humano, que é uma espécie animal entre outras. Quando se designa a espécie, fala-se “a hiena” e não “a hiena e o hieno”; o “leão”, e não “o leão e a leoa”. No caso do ser humano, quem designa a espécie é o membro masculino, “o homem”, e assim quase universalmente. De repente, consideraram tal designação uma gravíssima falta de educação. Um hábito milenar não pode ser falta de educação, pois esse hábito foi incorporado a partir de inúmeras civilizações e literaturas: quem pode dizer que aquilo que durante milênios foi de uso geral é falta de educação?

Por isso é preciso quebrar o hábito milenar e inventar uma nova norma. Todos temos o direito de tentar que nossos julgamentos e critérios se sobreponham à norma vigente; podemos fazer propaganda, lutar, mas em geral o processo de transformação leva séculos. Se quisermos introduzir um novo hábito, temos de ir lutando por essa norma até que se dissemine e gradativamente a sociedade se adapte a ela. Hoje em dia, com a concentração dos meios de comunicação, o processo é instantâneo. Tão logo a elite decidiu a norma, todo o mundo tem de se adaptar imediatamente; para quem não se adapta, entra em funcionamento — de maneira imediata, automática, avassaladora e irreversível — o processo de exclusão e de discriminação. Isso significa que, qualquer que seja a norma adotada, ela deve ser adotada do dia para a noite e pior, com sinceridade e do fundo do coração: se desconfiarem que estamos falando apenas da boca para fora, vão denunciar-nos como hipócritas. Sinceramente se deve ser feminista, gayzista, abortista, cotista racial etc., e sobretudo — como a primeira das modificações adotadas — anti-tabagista. Toda a elite americana inteira, vinte anos atrás, fumava: fumava-se nos tribunais, nos hospitais — só não se fumava na UTI e na igreja durante o culto. Vejam-se, por exemplo, os filmes do julgamento de Nuremberg: está todo mundo fumando; veja-se o famoso filme sobre o julgamento Sculps, da teoria da evolução, onde todo mundo está fumando. De repente, decretou-se a feiúra do fumo. As pessoas se adaptaram com tal profundidade ao decreto, que não concebem a hipótese de como o que antes era normal agora é anormal: atualmente basta alguém puxar um cigarro para imediatamente ficar mal visto. Mensagens políticas ou culturais importantíssimas e válidas podem ser invalidadas instantaneamente porque alguém fumou um cigarro. Incrível a velocidade com que as pessoas se adaptaram ao antitabagismo e creram nele como se tivessem crido a vida inteira, como se fosse algo bíblico.

Esse é um dos motivos — o principal motivo — porque não aceito conversa antitabagista: não tenho personalidade plástica e jamais terei: faço minhas escolhas, abro os caminhos da minha vida e

não admito que ninguém, além de Deus, queira mandar em mim. O público para que escrevo é Deus: estou esperando o julgamento Dele e que Ele use meus escritos como pretexto de me dar a salvação no Juízo Final. Ele é o único leitor que estou tentando agradar. Qualquer conversa antitabagista para mim já é insultuosa na base, porque se está supondo que eu também devo me adaptar à plasticidade de caráter que hoje se tornou norma. Não vou mudar porque querem que eu mude, porque me olham feio e dizem que não vão mais gostar de mim. Se não gostarem de mim, é um favor que me fazem. Lembro-me duma história do meu filho, Pedro, que quando era pequeno certa vez disse: “Pai, vou dar meus brinquedos velhos para os meninos pobres”. “Muito bem, meu filho, grande iniciativa”; passados uns dez minutos, ele volta e diz: “Pai, mudei de idéia: não vou dar, não”. “Por que, meu filho?” “Porque daí vão querer ser meus amigos e me encher o saco”. Meu princípio é o seguinte: “Quem não pode ajudar, não pode atrapalhar” — um velho ditado islâmico, aliás. Portanto, quem é meu inimigo — quem sempre foi meu inimigo — dificilmente poderá fazer algo contra mim. Por exemplo, as pessoas que apoiaram o Quartim de Moraes: mil e quinhentos professores universitários se juntaram para me fazer um malefício terrível, mas não conseguiram fazer nada contra mim, senão contra si próprios: foram feitos de palhaço. Por outro lado, um amigo meu pode me prejudicar pois, como gosto dele, sou a ele apegado; se ele parar de gostar de mim, ficarei entristecido. Ao contrário do título do livro “Como fazer amigo e influenciar pessoas”, não estou fazendo amigos nem influenciando pessoas, mas apenas dizendo aquilo que estudei e sei; quem quiser me ouvir, [0:30] fará um bem a si mesmo; quem não quiser, para mim não fará a menor diferença.

Na vida já passei por tais situações de perigo, de opressão e de dificuldade, que certas pessoas não agüentavam sequer ouvir quando as contava: elas ficavam com medo. No entanto, quem estava vivendo a situação era eu. Já passei tantas vezes por situações de perigo, que morrer não me significa nada, zero. Não há razão por que me intimidar. Só tenho medo do que vem depois da morte: o Juízo Final; a morte em si não significa nada.

Não há a menor possibilidade de me adaptar a esta nova sociedade e virar uma criatura plástica. Eu me permito a continuar julgando as coisas tais como as julguei durante cinquenta anos. Qualquer coisa que se faça durante cinquenta anos vira direito adquirido. Um dos direitos inerentes à velhice é o de não tentar imitar os jovens.

Ninguém me verá sair de bermudas e tênis, dançar rock ou tentar parecer jovem. Adotei como norma um *hai-kai* do Millôr Fernandes: “É verdade, já sou um homem da minha idade” (esse *hai-kai* vinha junto a um desenho, em que o Millôr se retratava diante de um espelho). Para mim, esse é um direito básico e inalienável, mas nas sociedades atuais tal direito não existe: o único que há é o de tentar ser amado por todos e, para isso, o de adaptar-se plasticamente a qualquer coisa. No dia em que escrever algo como *s/he*, internem-me no hospício. Jamais escrevi isso!

Ao me referir à humanidade, é possível que use como figura de linguagem “todos os homens e mulheres”, caso haja necessidade de ressaltar a dualidade de sexo, mas em geral continuarei a usar “o” homem ou “o” ser humano; não vou escrever “a” ser humana! “Se uma pessoa é ou homem ou mulher, por que ‘o’ ser humano? Esse termo é uma odiosa discriminação machista”. Nunca na minha vida vou me dobrar a isso, sobretudo se esperam tal atitude em algum meio dito conservador: se assim for, só me resta cuspir na cara do desgraçado!

Na primeira vez que entrei em uma entidade conservadora nos EUA, vi um aviso escrito *smoking-free*: era proibido fumar; e o pior é que inventaram um jeito de denominar essa proibição de

“liberdade”. Não é que o fumo era proibido, mas era o ambiente que estava “livre” do fumo: a proibição de fumar significa liberdade, liberdade de estarmos livres do fumo; contudo, trata-se de um jogo de linguagem. Quando li aquele aviso na porta pensei: “Eles estão liquidados, selaram seus destinos, pois aceitaram uma regra de jogo imposta pelos inimigos, que souberam explorar muito bem o moralismo evangélico dominante. Os idiotas caíram como patinhos”.

Que eu saiba, conservador é alguém que respeita, sobretudo, a propriedade privada. Se o dono de alguma propriedade privada admite que se fume nela, tudo bem; se não admite, ninguém pode dizer nada. Se alguém entra no carro de um fumante ou de um não-fumante solidário, este permitirá o fumo dentro do veículo. Entretanto, se o dono não fuma e detesta cigarro, pode proibir — e ninguém que fale nada, porque o carro é dele. Eis um princípio de que os conservadores em massa haviam abdicado sem perceber que, ao abdicar dele, abdicaram de tudo. Em longo prazo, pois, estão condenados, e não irão se levantar enquanto não apreenderem essa lição.

A implantação da nova civilização não se faz por propaganda ostensiva, mas por mudanças dos códigos. Hoje tudo é feito de maneira indireta, até a implantação de uma ditadura. Ao subirem ao poder, Hitler ou Mussolini proibiram tudo de uma vez; já não é assim agora, não se muda o regime nem sequer seu nome: antes, muda-se a sociedade inteira por meio de pequenos regulamentos administrativos, cujos efeitos políticos não são evidentes em um primeiro momento à maioria, mas que somados resultam na criação de um Estado que se sobrepõe à sociedade e a determina, sem que a sociedade possa se levantar contra ele. Curioso é que o totalitarismo se dá justamente quando o Estado é mais forte que a sociedade; quando a sociedade não tem meios de se articular contra o Estado, eis aí o totalitarismo — que ademais não é incompatível com a existência de eleições. Dizem que o Brasil é uma democracia porque há eleições. Que há eleições, há, mas tente criar um partido de oposição: são vinte anos só para que se leia o requerimento de fundação, além das muitas exigências que fazem. Há trinta anos que se tenta fundar o Partido Federalista: perguntem aos responsáveis se é possível fundar um partido...

A resistência cultural também se tornou quase impossível, pois os canais de ação estão nas mãos do governante. Estamos na situação que Jacob Takmon chamava “a democracia totalitária” (um conceito tirado de Rousseau), conforme se diz no livro “As Origens da Democracia Totalitária”. A democracia totalitária já está em vigor, não neste ou naquele país, mas em quase todos eles. Nos EUA, ela está instalada imperfeitamente; já no Brasil, perfeitamente; ou seja, mudanças que nos EUA acarretariam anos de conflito e briga, no Brasil são implantadas da noite para o dia, sem que ninguém possa dizer nada. No Brasil, por ex., houve um plebiscito quanto à venda de armas: a proibição da venda foi derrotada, com 80 % dos votos a favor da liberação; no entanto, a legislação que proíbe o comércio continua em vigor. Para tanto, não é preciso decretar uma lei que proíba a posse de armas: simplesmente põem-se em vigor decretos legislativos e decisões administrativas — de chefes de departamento, por ex. — que criam vários obstáculos à posse de armas, de modo a que fique impossível ter uma. Assim é que se faz atualmente uma ditadura.

As pessoas se encontram em uma ditadura, mas não ousam chamá-la como tal, pois existem eleições. Elas não possuem a noção de democracia totalitária — vivem nela como se fosse uma democracia normal —, mas sequer sabem que existe. A democracia totalitária é o mais ditatorial dos regimes, pois não é governo que exerce diretamente a pressão, mas uma rede de canais de atuação social controlada pelo governo, o que é bem diferente de um policial batendo à porta. A opressão é exercida pela população inteira, não há para onde correr. Esse regime já está implantado no Brasil; nos EUA, estão implantando-o rapidamente.

Ademais, as mudanças nunca são repentinas, mas se fazem aos poucos. Ontem, por ex., recebi um e-mail com a lista dos projetos que estão para ser votados na Câmara dos Deputados e no Senado, cujo objetivo é controlar as entidades religiosas. Há um projeto que proíbe a crítica ao homossexualismo: já não se poderá dizer que sodomia é pecado, mas sim que Sodoma e Gomorra é um lugar maravilhoso, agradável a Deus, etc.; já não se poderá dizer que bruxaria é ruim. (Certa vez, li em um livro de Pierre Verger que na cultura Iorubá há ritos cujo fim é fazer que o pênis do adversário caia; há outros ritos cujo fim é matar. Se tais ritos não funcionam, são charlatanismo; se funcionam, são homicídio e agressão. Já não é muito fácil dizer isso, embora seja verdade óbvia. Por enquanto é permitido, mas as leis que proíbem essa afirmação já estão a caminho).

Há outro projeto de lei que determina que as igrejas paguem impostos sobre o dinheiro coletado. Ora, isso é quase impossível, pois ninguém sabe de onde vem o dinheiro: as pessoas não se identificam ao depositarem dinheiro na caixinha da igreja, à saída da missa. Isso significa que o dinheiro dado a uma obra que se considere santa e divina passa a pertencer ao governo. Se for um governo comunista, ao se contribuir para a Igreja Católica, contribui-se para o Partido Comunista. Pelo Código de Direito Canônico, católico que contribua para partidos comunistas está automaticamente excomungado; o governo, neste caso, faz com que o fiel incorra em excomunhão automática, e é o que basta para se liquidar a Igreja. O Sr. Frei Betto, por ex., considera-se uma pessoa tão boa e de alma tão caridosa que diz ter usado de sua influência em Cuba para que Fidel Castro permitisse o ingresso de católicos no Partido Comunista. Contudo, quando alguém se inscreve no Partido Comunista, está automaticamente excomungado. Logo, Frei Betto concedeu aos católicos de Cuba o direito à excomunhão. Por pequenas modificações é que se transformam as coisas.

As modificações do ensino e do jornalismo são uma coisa monstruosa. Quem nasceu no meio desse processo, não sabe como era antes, não sente a diferença, a não ser que se estude a história e se obtenham os recursos intelectuais necessários. Eu estou tentando justamente criar a possibilidade desse recuo, mas isso não é tudo, falta muito que fazer. Para a realização completa do plano de estudos, serão necessários cinco anos, no mínimo. Assim, peço encarecidamente para que, nesse ínterim, não participem de debates, não dêem palpite sobre nada, não julguem coisa nenhuma. Dediquem-se apenas em estudar e se fortalecer, como um garoto que treina em uma academia de boxe: enquanto treina, ele não participa de torneios; ele vai continuar a treinar até que o treinador diga: “Agora, você está pronto. Pode subir ao ringue e enfrentar o futuro”. Antes disso, não, senão vai apanhar.

Essa influência cerca as pessoas por todos os lados, e não apenas transitivamente (eis o dado mais importante): a influência não se dá só por propaganda direta, mas pela supressão de possibilidades, ou seja, deixa-se de saber uma série de coisas, as quais não temos condição de inventar. Milhares de possibilidades que o ser humano possuiu ao longo dos milênios, de repente saem do repertório. É impossível inventar uma civilização inteira. A única maneira de se conhecer tais possibilidades é através do estudo — mas não o estudo que a própria sociedade fornece. Teremos de buscar o estudo por contra própria. Ser genial apenas não basta para sair dessa situação; é preciso haver uma forma específica de gênio — o gênio do autodidatismo, que é raríssimo. Nesse sentido, os maiores gênios da humanidade não foram autodidatas: São Tomás de Aquino aprendeu com Santo Alberto Magno, Aristóteles com Platão, Platão com Sócrates — e Sócrates aprendeu com quem? Não se sabe.

Diz Lévi-Strauss que a tradição de ensino se constitui de um sujeito que aprendeu com outro, que por sua vez aprendeu com outro, e assim por diante até o primeiro, que não aprendeu com ninguém, mas de Deus. Quando as tradições se rompem, às vezes aparecem providencialmente pessoas capazes de restaurá-las por conta própria. Eu sei que sou um desses. Muito do que aprendi jamais teria podido aprender seja na universidade brasileira, seja no meio editorial brasileiro, seja na imprensa cultural brasileira. Nasci com um *desconfiômetro* que me dá a medida certa da minha ignorância, ou seja, tenho a intuição do que me falta saber: para entender uma coisa, precisava saber outras coisas que, de fato, não sabia; então, teria de buscar exatamente por elas. Poucas pessoas têm esse sentido.

Todos temos de tomar consciência — pelo menos os que estão com menos de trinta anos — que fomos formados em meio a isso. Muitas atitudes que parecem naturais se improvisaram há pouco tempo e foram oferecidas como a única alternativa possível; muitos julgamentos espontâneos refletem tal fato. Veja-se o exemplo dos conselhos antitabagísticos ou, de modo geral, dos conselhos de saúde não-solicitados: “Não coma isso, não coma aquilo”. Que eu saiba, os cuidados de saúde sempre fizeram parte da vida privada, ao ponto de um médico não poder impor um tratamento. Se o médico diz ao paciente: “Você está com câncer no cérebro e vai morrer em uma semana. Posso lhe operar?”, o paciente pode responder: “Não”.

Vou dar o exemplo de Darcy Ribeiro, que era antropólogo e comunista impenitente, mas um homem até certo ponto engraçado e criativo. Estava ele no hospital com câncer, prestes a ser operado; iam arrancar metade de seu corpo. Quando lhe disseram que, naquele tipo de câncer, 30% dos casos eram auto-remissivos, ou seja, curavam-se sozinhos, Darcy se convenceu que esse era seu caso, fugiu do hospital e foi para casa. E viveu trinta anos a mais! Se tivesse se operado e submetido ao tratamento com bomba de cobalto, não duraria dois anos. Mesmo pessoas que têm conhecimento suficiente para reagir a isso, às vezes não reagem. O meu falecido amigo Dr. Muller, uma das pessoas que mais entendia de medicina e saúde no mundo, teve essa fraqueza. Ele descobriu um câncer no nariz e, por pressa, aceitou o tal tratamento de cobalto: em dois anos estava morto.

A pressão do *establishment* médico é uma das coisas mais indecentes e imorais do mundo. O número de pessoas que morrem por erros médicos nos EUA é maior do que o de qualquer outra doença. São oitocentas mil pessoas, no mínimo, que morrem por ano: nem AIDS, nem doença cardíaca, nem doença pulmonar, nem câncer matam tantos. Oitocentos mil é um número monstruoso. E por que mata? É muito simples: a medicina não é uma ciência exata. Aliás, não é sequer uma ciência, mas uma técnica para a qual conflui uma multidão de ciências diferentes que, às vezes, se ajeitam muito mal na medicina. Toda medicina é por assim dizer experimental, até os tratamentos consagrados, ou melhor, tratamentos consagrados em certo número de casos. A margem de erro é muito grande, mas não por culpa dos médicos: é da natureza da medicina.

À constatação da idéia de que a medicina procura se reger por um critério de confiabilidade científica, dever-se-ia proibir imediatamente que a classe médica arrogasse para si autoridade sobre a sociedade. Essa é uma regra que se aplica a toda ciência. Se a essência do processo de conhecimento científico é a auto-correção permanente, é evidente que em nenhum momento de sua existência pode a medicina arrogar para si a autoridade de proclamar uma verdade científica [0:50], e muito menos uma verdade científica que se imponha à sociedade. O máximo que pode dizer é: “Até o estado presente dos conhecimentos, parece que é assim, mas amanhã é possível que se descubra algo diferente”. A ciência nunca pode ser fonte de autoridade, muito menos uma técnica que sequer

tem estrutura científica interna. Eis um enorme “abacaxi” para a filosofia: definir com precisão o estatuto epistemológico da medicina.

Um assessor de Napoleão, já naquele tempo, observava isto: tão logo os médicos se imbuem de idéias materialistas, querem mandar no mundo. Ele fez essa afirmação creio que em 1808, e cada vez mais vem se confirmando. A classe médica é aliada da indústria farmacêutica, uma das indústrias mais poderosas do mundo. Quando se fala em indústria farmacêutica, fala-se em Rockefeller. Que os Rockefeller querem mandar no mundo, eles mesmos não o escondem. Há várias gerações que o tentam. A classe médica e a indústria farmacêutica estão em simbiose, e sei disso porque fui editor de revista médica; por isso, posso dizer: os laboratórios determinam o conteúdo das revistas científicas. Sem dúvida, no meio médico existe a possibilidade de pesquisas totalmente independentes ante a indústria farmacêutica; em certas revistas e publicações que, por antiguidade e patrocínios de entidades independentes, conservam-se autônomos, como a *Lancet*, da Inglaterra – a melhor revista médica do mundo — e a *BMJ*. Contudo, já as duas foram flagradas em trapaceiras que favoreciam a indústria farmacêutica, o que nunca havia acontecido antes.

A intromissão da classe médica na vida privada é um elemento fundamental do totalitarismo mundial. Quem por medo de doença aceita essa intromissão, já se transformou em cidadãozinho da Nova Ordem Mundial, alguém que espera que outros o salvem, alguém que aceita autoridades.

Tenho sessenta e dois anos e há quarenta e sete que fumo dois ou três maços de cigarro por dia. As pessoas de minha geração já tiveram infarte, hemorróida, fizeram ponte de safena, etc.. Não me venham dar lição de saúde, pois é óbvio que eles vão morrer antes de mim. Quem continuar com tais idéias, morrerá antes de mim. Nada danifica tanto a saúde quanto a perda da integridade pessoal. Quem perde a unidade da personalidade, começa a se decompor na hora e se torna vulnerável a tudo: o sistema imunológico vai para o brejo.

A abertura e a vulnerabilidade do cidadão à influência do meio se comparam à abertura a um vírus. Quem não é capaz de se defender do bulício que passa no ar, como vai se defender de um vírus? O sistema imunológico depende muito da vontade de integridade, que é sua autodefesa fundamental. É inútil pedir socorro à classe médica quando já se perdeu essa integridade, pois o médico não a pode devolver. Note-se bem que isso não implica na impugnação da profissão médica, mas na impugnação de sua autoridade pública. Por que a consulta se chama “consulta”? Porque o paciente vai até o médico para lhe fazer uma pergunta. O médico não lhe dará ordens, mas uma consultoria. Assim, temos o direito de consultar vários médicos; se cada um disser algo diferente, cabe ao paciente fazer a somatória e tomar a decisão.

Para mim, um mecânico de automóveis é tão profissional quanto um médico: levo meu carro ao mecânico e ele me diz qual o problema; se desconfio do parecer, levo a outro profissional. Um dia foi um eletricitista a minha casa e me cobrou duzentos dólares por um concerto. Disse-lhe eu: “Se você ligar aí um aquecedor e um computador, a instalação não vai agüentar, vai queimar”. Disse-me ele: “Agüenta sim”. Queimou. E se os eletricitistas começarem a ter autoridade pública como os médicos? Certamente o número de instalações queimadas vai proliferar, como proliferou o número de vítimas de erro médico. Graças a Deus, isso ainda não aconteceu: nem eletricitistas nem mecânicos de automóveis fazem parte da Nova Ordem Mundial.

Digo tudo isso para que se tome consciência de que tais fraquezas, criadas em nome de um novo modelo civilizacional, não são exteriores mas já há muito que penetram nas pessoas, por isso temos

de tirá-las uma por uma. Quem quiser realmente chegar a ter uma vida independente e uma visão crítica do processo, precisa sair dessa cultura, precisa se desaculturar. “Desaculturar” significa não aceitar mais nenhum valor nem critério dominante; significa escolher os valores após tê-los examinado e confrontado com outras possibilidades. Essas outras possibilidades serão tiradas de outras sociedades e épocas, dos clássicos da literatura e da filosofia, das antigas religiões, etc.. O tempo mínimo para se equipar é de cinco anos, mas isso não quer dizer que em cinco anos a pessoa estará equipada.

Há muitos anos que estou nesse esforço mas, de vez em quando, ainda me percebo cedendo aos valores dominantes. Não há dúvidas de que o projeto de Nova Ordem Mundial já fracassou — ele será um fracasso, não irá se implantar. Será como o Reich de Mil Anos, de Adolf Hitler, que durou 12 anos: dará um imenso prejuízo, matará montes de gente e só deixará lágrimas e sangue pelo caminho. Esse projeto não irá prosperar, porque existem três projetos de governo mundial em concorrência, ora colaborando entre si ora em conflito: (i) o primeiro é o velho projeto comunista, que nunca acabou; a KGB ainda está no mesmo lugar, funcionando bem, sobretudo na América Latina; (ii) o segundo, o projeto islâmico; (iii) o terceiro, o projeto globalista de grupos como o Bilderberg, o CFR, etc..

Esses três grupos são poderosíssimos. É difícil saber quem tem mais dinheiro, quase impossível. É tanto dinheiro que os considero equivalentes entre si: passou de 10 trilhões, já não é possível avaliação. Esse caso incide naquilo que dizia Leibniz: não conseguimos captar diferenças no infinitamente pequeno ou no infinitamente grande. Porém, as rachaduras na aliança entre esses três já começaram a aparecer.

No encontro de Copenhague, o representante da Arábia Saudita de súbito começou a dizer que não existe aquecimento global. Ora, faz décadas que os árabes estão financiando os aquecimentistas no Ocidente. Será que fizeram as contas e perceberam que tal negócio lhes é prejudicial?

Eles não vão prosperar, pois o acordo entre tais forças, no longo prazo, é impossível; contudo, no curto prazo tem funcionado: por ex., o príncipe Charles, que é membro do Bilderberg — portanto, um globalista ocidental —, é o maior protetor dos muçulmanos na Inglaterra e um homem profundamente comprometido com o islã, pois ele é discípulo do falecido xeique Abu-Bakr Siraj Ad-Din — que era ex-diretor do Museu Britânico e chamava-se Martin Lings, a quem conheci e tive como meu amigo enquanto ele durou.

Logo, nesse caso há uma colaboração estreita entre o globalismo ocidental e o islã — até que alguém pise no calo do outro. Se a elite britânica chegar a conclusão de que os muçulmanos foram longe demais, de que vão derrubá-los, acabou-se a aliança. É o que está acontecendo na França, onde a hostilidade para com os muçulmanos é crescente: num primeiro momento, os franceses abriram as portas, pois eles adoram tudo quanto é antiamericano; [1:00] depois, começaram a se arrepender.

Os judeus são, entre todos, os maiores cretinos, pois sempre apóiam tudo o que vai contra si mesmos: eles deram dinheiro aos movimentos de esquerda, que apóiam os árabes, que espancam judeus nas ruas de Paris. Os judeus, só depois de apanharem trinta anos, perceberam que deram dinheiro para as pessoas erradas. Católico é a mesma coisa: abre porta e janela para o inimigo e depois descobre que levou prejuízo.

Tudo isso mostra rachaduras no sistema da Nova Ordem Mundial antes que ela chegue a se implantar perfeitamente. No futuro não viveremos um mundo globalizado, em que o governo central controla tudo, mas em um mundo do conflito de vida e morte entre três poderes globalistas: as nações desaparecerão como entidades, pois serão absorvidas não no sistema central, mas em um dos três blocos. Esses blocos são blocos multinacionais e cuja boa parte do poder está em território inimigo — não há fronteiras nacionais. Quando se fala em Islã, fala-se de todos os países islâmicos e também dos muçulmanos no exterior, inclusive os que estão nos EUA. Quando se fala em comunismo, não se fala especialmente na Rússia, pois lá há vários anticomunistas; contudo, em compensação, a KGB tem agentes por toda a parte. Não se trata, pois, de fronteiras geográficas. Os muçulmanos estão espalhados pelo mundo afora; há uma quantidade imensa de muçulmanos enrustidos, infiltrados em várias igrejas por obra das *tariqas* (organizações esotéricas muçulmanas) — eu sei disso porque vi.

Aconselho a quem esteja estudando relações internacionais que pare, porque está perdendo tempo: você vai estudar relações internacionais de uma situação antiga, em que tudo dependia dos estados; hoje em dia, o portador do poder não são os estados, mas os *movimentos* que os controlam e que, com a maior facilidade, passam de um estado ao outro.

É importante estar consciente de que essa é a formação brasileira: por onde quer que se vá, é sempre o mesmo. Tal formação nem sempre vem na forma de idéias ou teorias discutíveis, mas de símbolos, hábitos, gestos, olhares. Para se aprender a olhar e interpretar [a realidade] através dum ponto de vista histórico-cultural é preciso comer muito arroz com feijão. Mais tarde vamos estudar (talvez alguns de vocês já a tenha estudado) a minha apostila *Questões de Método nas Ciências Sociais*; nela os alunos perceberão o quanto a interpretação dos símbolos embutidos na linguagem cotidiana, na aparência física das cidades, no desenho industrial etc., é fundamental para se desaculturar, sair daquele meio psicocultural, olhá-lo desde fora e poder fazer escolhas livres.

Não existe ser humano que viva fora de uma cultura; já Platão dizia que o homem isolado é um anjo ou um monstro — e o homem não pode ser anjo nem quer ser monstro, deve participar de alguma cultura. Acontece que, hoje em dia, se ignora um detalhe: com a voga do relativismo cultural, do gramscismo, do desconstrucionismo etc., disseminou-se a idéia de que o indivíduo está preso à cultura, que é um produto dela (admito-o: somos produtos da cultura); no entanto, qual o limite geográfico e temporal da cultura? Não há limite. Isso significa que dados e criações de milênios anteriores ainda fazem parte da cultura. Quando, por exemplo, estudamos a história de Sto. Tomás de Aquino, sabemos que a influência de um filósofo grego que morreu no séc. III a. C. — São Tomás viveu no séc. XIII — lhe era algo mais presente e atuante do que aquilo que os colegas ao entorno lhe falavam. Não há limites para se incorporar os elementos de outras épocas, que se podem tornar tão ou mais atuais do que os dados recebidos do meio ambiente — eis o caminho da libertação: a ampliação do horizonte da cultura a que se pertence. Continuo sendo produto da cultura, mas não dessa cultura semanal; sou produto de uma cultura milenar, pois estou ante a presença de Platão e Aristóteles. Duvidosa e fantasmática é a presença dos que estão mergulhados nessa cultura semanal.

O único meio de se libertar é o acesso à alta cultura. Eis o meio de desaculturação: sair desta cultura limitada, temporal. Assim como existe um provincianismo geográfico, em que o sujeito só sabe daquilo que se passa numa área geográfica pequena (na cidade, no bairro ou na tribo), existe um provincianismo temporal, atualmente a influência mais poderosa que existe. É a moda da semana, é a invenção de ontem estampada nos jornais que se impregna em todas as almas; as pessoas

vivenciam esses valores como algo que estivesse no coração delas desde o nascimento. Certa vez fiz uma conferência para surfistas (houve até uma bonita conferência de um cara que era campeão mundial de surf); e eles diziam: “O surf é minha vida”. E eu perguntei quando eles tinham descoberto o surf. “Ano passado”, respondiam. “Então, como o surf poder ser sua vida? Onde você estava antes? Você não vivia antes disso?” Era uma simples moda cultural que se impregnara; o surfista vivenciava aquilo como tanta intensidade que achava que aquela era sua verdadeira personalidade — o que é impossível. Só pode existir verdadeira personalidade quando ela está fundada em elementos que não apenas são duráveis, mas eternos. A personalidade humana só adquire uma visão real de si própria ao se apresentar perante o observador onisciente.

Essa visão real é obra de Santo Agostinho, que descobre a ciência da autobiografia. Ele a descobre porque não está contando sua vida ao distinto público, nem aos colegas, nem sequer a si mesmo, mas a alguém que conhece a vida dele melhor do que ele mesmo — o próprio Deus. À medida que Agostinho conta a própria história, Deus lhe mostra coisas que ele mesmo não sabia; a sua personalidade deixa de ser algo meramente subjetivo e se torna uma presença real no mundo; desse modo, ele percebe a realidade de sua existência.

Para que haja um processo de desaculturação, antes de tudo é preciso transmitir uma série de instrumentos, mas tais instrumentos não serão transmitidos a pessoas que são tábuas rasas ou folhas em branco: nelas já há várias coisas inscritas, registros que devem ser colocados entre parênteses durante algum tempo até que elas possam, após o devido domínio dos instrumentos, repassar o aprendizado em exame e fazer as escolhas. Só assim haverá condições de decidir o que se vai ser quando crescer, apenas quando o sujeito conseguir se inserir numa espécie de vácuo cultural entre as alternativas oferecidas pela sociedade presente e aquelas oferecidas por todo o curso da história humana.

Por exemplo, há muito tempo adotei o critério romano para questões como liberdade e direito: acredito que não posso alegar nenhum direito se não tiver o poder pessoal de impô-lo — seja poder físico, financeiro ou de alguma outra forma. Diriam os romanos: “Quando se dá o direito de propriedade? Quando o sujeito for capaz de organizar um exército particular para garanti-la; se ele não tem dinheiro para armar um exército particular, a propriedade não é dele, pois se não pode garanti-la, quem irá garanti-la somos nós; daí, estará ele se beneficiando de uma propriedade a nossas custas.” Eis o conceito romano de propriedade e liberdade, que estudei em Lord Acton. Quando ele falava acerca da “liberdade antiga” e da “liberdade moderna”, cheguei à conclusão pessoal de que a liberdade antiga era mais decente e, se todos a praticássemos, haveria menos violência e maldade na sociedade; ou seja, abdiquei de que outros poderes defendam meu direito; não quero ser pesado para ninguém. Hoje em dia, todo o mundo está repleto de direitos, mas ninguém tem meios de defendê-los. Logo, o “abacaxi” vai sendo passado a outras instâncias até chegar ao cume, ao defensor de todos os direitos — o Estado, que vai se tornando o proprietário de todos.

Quando abdiquei de receber o dinheiro da aposentadoria — há quinze anos que estou legalmente aposentado — diziam-me que era direito meu recebê-lo; mas lhes respondia eu que não, que era dinheiro que o Estado tomou de mim sem autorização, de modo compulsório. Agora que me promete devolver um pedacinho, quer afirmar que está me fazendo um benefício; não o quero, pois recebê-lo seria uma restrição a minha liberdade. Nunca vou me aposentar: vou trabalhar até o último dia de minha vida; não entendo trabalho como castigo, antes o entendo como missão que Deus me deu e como honra. Por que alguém como eu foi elevado à honra deste trabalho que estou

fazendo, que mérito tenho eu para fazê-lo? Nenhum! Foi Deus quem me deu este encargo. Todos os santos pediram demissão e Deus teve de se valer de bandidos, por isso me usou. Este trabalho é uma grande honra e nunca vou parar, até que fique gagá ou morra (ainda que fique gagá, insistirei um pouco).

Essas são apenas escolhas pessoais que fiz. Não quero dizer que vocês têm de fazer a mesma escolha; estou dando apenas um exemplo para dizer que eu peguei um valor de outra civilização já extinta, mas que está presente na nossa — todo mundo sabe que o direito romano está embutido na nossa cultura —, e o escolhi como meu. Isso marca uma diferença entre eu e os meus concidadãos, uma diferença que eles as vezes não chegam a compreender, que pode até escandalizá-los — ninguém entendeu direito até hoje porque abri mão da aposentadoria. Também não faço questão que entendam porque sei que estou agindo de uma maneira que é boa para mim; me sinto melhor e mais livre assim. Não posso aceitar dinheiro do governo nem mesmo que ele tenha me roubado; prefiro que o governo me roube a eu pedir alguma coisa para ele. Se todos pensassem assim a autoridade e o poder do governo seria enormemente diminuído; porque é o mesmo ditado árabe, “só quem pode lhe ajudar pode lhe atrapalhar”. No que o estado brasileiro pode me ajudar? Nada, eu não quero nada dele; não quero dinheiro, não quero reconhecimento, nada, então ele também não pode me atrapalhar. É uma maneira que tenho de preservar minha liberdade, é uma escolha muito pessoal que foi feita graças a estudos que fiz e outros valores que fui incorporando, eu jamais poderia fazer isto se eu não me tivesse desaculturado deste meio.

Quando você se desacultura, você começa a fazer escolhas e a tomar decisões que não correspondem à linguagem simbólica das pessoas do seu meio — elas não vão entender o que você está fazendo. Mas, você faz questão de que elas lhe entendam? Quem quer ser compreendido por todo mundo tem de ser igual a todo mundo! Tem de ser um burrinho, dócil, servil, estúpido, covarde, como todo mundo. É isto que quero para minha vida? Não pensem que escolhi por orgulho — “eu sou o fortão, sou o John Wayne da filosofia, não vou ceder”. Eu pesei as coisas, procurei ver o que era melhor em termos absolutos e o que Deus aprovaria do que estou fazendo, e cheguei à conclusão de que posso até estar errado, mas foi a escolha que eu fiz. Sinto muito meus filhos, mas não vivo para a sociedade humana; vivo para fazer o serviço que Deus me deu, que justifica a minha existência. Todos vocês vão ter de fazer opções deste tipo. Um exemplo: você vai fumar ou não? Quando esta questão se colocou eu já estava fumando há trinta anos, já tinha ficado dois anos sem fumar e não tinha sentido diferença nenhuma. Eu não vou perder um minuto pensando nessa bobagem, fica assim como está; se eu cansar de fumar amanhã eu paro e ninguém tem nada a ver com isso, não aceito que me digam o que tenho de fazer.

Eu não sou um autodidata completo, tive alguns professores: o Dr. Müller, o Pe. Ladusans, o próprio Martin Lings. De alguns destes eu passei muito adiante; eu soube coisas que eles não sabiam, entendi o que não entendiam, e à medida que eles declinavam eu estava ainda crescendo. De certo modo eu os ultrapassei, evidentemente, porém mesmo assim jamais parei de chamá-los de senhor e jamais ousei dar um conselho a qualquer um deles, a não ser que pedissem. O Dr. Muller às vezes perguntava: “o que você acha devo fazer em tal coisa?”; com muita humildade e muito respeito, eu respondia. Essas pessoas contribuíram não para o meu bolso, não para o meu cardápio, contribuíram para a minha alma, eles foram fatores estruturais da minha alma. O Martin Lings, através do príncipe Charles, trouxe um grande dano para a humanidade; mas eu não ousei falar mal dele como pessoa. Se me perguntassem se via algum defeito de personalidade em Martin Lings, responderia que não, pois ele era um homem exemplar. No entanto, ele era um muçulmano empreendendo uma ação estratégica em favor do Islã — e quem está embaixo que agüente. Mesmo

de autores que não conheci pessoalmente e que só assimilei através de leitura, como o René Guénon, não sou capaz de falar deles com a desenvoltura desrespeitosa com que outras pessoas falam. Só falo com desrespeito de pessoas que não merecem respeito nenhum, e que se eu as respeitasse estaria fazendo mal para mim mesmo e estaria ofendendo a Deus.

Eu jamais respeitarei o nosso presidente, que se gaba de um crime de estupro — que eu não sei se ele cometeu ou não, mas ele achou bonito. Nunca, nem por um minuto; onde puder demonstrar ostensivamente o desrespeito, eu o farei, porque se não o fizer vou criar um conflito comigo mesmo — vou ficar como o José Guilherme Merquior, que morreu cedo porque era um fraco. Ele era um homem de muito brilho, muito inteligente e de muito talento, mas faltava um elemento fundamental para ele: a hierarquia dos valores. Merquior escrevia sobre Platão com total desrespeito, gozando da cara etc., mas quando falava do seu chefe (Afonso Arinos de Melo Franco) era com respeito devoto, por interesse profissional. Eu não sei se ele estava consciente da cachorrada que estava fazendo, mas o sujeito que faz isso está dismantelando a sua personalidade, se enfraquecendo, e esse enfraquecimento vai corroê-lo por dentro de tal forma que se vier uma doença grave ele não resiste, ele sucumbe à ela.

Um outro exemplo de fraqueza é o do Michael Medved, comentarista que começou com o crítico de cinema, um cara importante dos meios conservadores. Ele tem um programa de rádio chamado “momento multicultural”, onde entra todo mundo — budista, gayzista, feminista, e não sei o quê. Para quê momento multicultural? Multiculturalismo não é um princípio válido, é um truque estratégico — não vamos discutir isto agora, mas outro dia explicarei. Então, por que ceder a isso? Cederam, do mesmo modo, ao antitabagismo. Quando uma corrente política está fraca, ela desiste de existir nos seus próprios termos e permite que o adversário a defina, vestindo a camiseta que foi costurada para ela pelo adversário — não é uma camiseta, é uma camisa de força. À partir da hora que o sujeito fez isso ele está acabado, mesmo que tenha outra vitória eleitoral momentânea. O Ronald Reagan, por exemplo, foi uma vitória do movimento conservador? [1:20] Não senhor, Ronald Reagan foi uma vitória do Ronald Reagan. A prova disso é que nunca ninguém, jamais, soube o que Reagan ia fazer, o homem era um moita — nem a mulher dele sabia; e quando chegou ao poder ele fez muita coisa que se dissesse para os conservadores que iria fazer eles não deixariam. Por exemplo, como conservador ele é um adepto do liberalismo clássico — empresa privada, diminuição do orçamento estatal etc.. Acontece que Reagan percebeu que, do ponto de vista de estratégia militar — não do ponto de vista econômico —, não poderia diminuir o orçamento militar americano perante os russos; acabou, então, por aumentá-lo. Os conservadores ficaram loucos da vida, mas assim ele enfraqueceu a União Soviética. Reagan era um gênio estratégico fantástico! Não havia tempo para ele esperar que todos os conservadores o compreendessem — porque a média de QI dos conservadores é a mesma dos esquerdistas, doze e meio. Ele decidiu não explicar nada para ninguém e fazer a coisa do jeito que queria.

Os conservadores daqui dos EUA, e principalmente no Brasil, vestem muito a camiseta que os adversários lhes impuseram, por isso eles sempre saem perdendo. Agora, se você perguntar: Por que o Olavo, que é um pé rapado, um cretino etc., consegue fazer tanta coisa? Na verdade, se existe um movimento conservador no Brasil esse movimento sou eu; não tem mais ninguém. Fui eu que fiz tudo isso; os caras que estão lá não gostam de reconhecer, mas eles sabem. Por que eu consegui fazer tudo isso? Simples, porque eu sigo aquela norma do Goethe: “o homem só tem uma força, e essa força chama-se personalidade”. E o que é personalidade? É a verdade efetiva que você apresenta a Deus, a mais ninguém. A personalidade é um segredo entre você e Deus: só Deus sabe, os outros sabem um pouquinho. Você tem de manter a sua personalidade, que é a sua sinceridade

para com o Deus e, portanto, para com você mesmo; não é possível ser sincero com você mesmo sem ser sincero com Deus, porque o *eu humano* é evanescente, só adquire consistência quando confrontado com o observador onisciente. O sujeito pode ser sincero no sentido do Henry Miller e contar um monte de fragmentos, mas vai continuar uma pessoa dispersa por dentro. A personalidade é a única força humana; e a personalidade é a sua verdade perante Deus, que conhece a sua história.

Este recuo, este retorno permanente à sua verdadeira personalidade terá de ser um exercício que você fará pelo resto de sua vida — isso não é uma coisa que se conquista; você conquista e perde todo dia, eu conquisto e perco todo dia. Quando perco, vejo que preciso fazer uma confissão de novo, ver os pecados que eu fiz e que às vezes nem percebi. Ao contar para Deus os pecados que percebi, ele me mostrará outros que eu não percebi; não um por um (um por um só Deus sabe, porque são tantos...), mas por grupos, e às vezes é aí que se percebe qual é o motivo, onde está a sua fraqueza. Tão logo você a confesse para Deus, Ele a apaga e você não mais a tem, e está livre de novo. Para isso é que eu estou sugerindo esses exercícios, que não só o fortalecerão intelectualmente para exercício de uma profissão (o que não existe; é simbólico, é teatro), mas vão fortalecê-los para o seu verdadeiro autoconhecimento perante Deus, que vai limpá-los. Eu não posso limpá-los, mas Deus pode; porém não adianta chegar com uma história mal contada que Ele não aceita, é preciso apresentar a sua verdadeira personalidade perante Deus. Às vezes ela não é constituída só de pecados; ao contrário: é uma alma inteira que você está apresentando para Deus, e para isso é preciso estar alerta ao conjunto dela.

Entre os instrumentos intelectuais dos quais vocês vão se apossando no decurso dessas aulas, muitos foram obtidos por Platão e Aristóteles — na verdade, toda a filosofia é Platão e Aristóteles; o resto, com exceção de uns cinco ou seis, é brincadeira de criança. Eu vou passar para vocês um exercício que é uma espécie de introdução à lógica de Aristóteles. Hoje em dia quando se fala a palavra *lógica* as pessoas se referem, sobretudo, ao esforço que tem sido feito para criar um discurso cada vez mais coerente, uma cadeia silogística com o mínimo de quebras e saltos etc.; mas a silogística, que é a arte do discurso coerente, é só um pedacinho da lógica. A lógica de Aristóteles não é uma arte do discurso formalmente perfeito, mas uma arte do discurso capaz de apreender algo da realidade efetivamente existente; ela é a arte de equacionar a experiência em termos de linguagem de tal maneira que, da linguagem, você possa retornar sempre à experiência, sempre sabendo do que está falando.

Naturalmente, cada um de vocês tem um escritório ou uma sala onde gosta de estudar, algum lugar onde você costuma estudar — pode ser até que você goste de estudar no banheiro. O exercício que vou passar para vocês é o seguinte: você vai fazer uma lista dos objetos que tem lá dentro, uma lista de tudo que existe — não um por um, mas por espécies; e para cada espécie você vai saber quais são os objetos que cabem dentro dela, que você não precisa ter a relação uma por uma que você mentalmente tem. No meu escritório, por exemplo, tem as seguintes coisas: tem móveis, eu sou capaz de fazer a lista dos móveis; tem livros, também tem a lista dos livros; tem variados materiais de escritório, que dá para abrir uma série de sub-chaves (eu tenho tudo isso anotado em casa, mas não vou passar tudo para vocês); tem equipamentos elétricos, como por exemplo aquecedor, lâmpadas; tem equipamentos eletrônicos: computador, impressora, televisão etc.; tem uma série de objetos de adorno — alguns já devem ter visto na nossa transmissão uns naviozinhos, uns elefantinhos, umas estatuazinhas etc.; tem objetos de culto, como um ícone de Santo Olavo, uma estatua do Padre Pio, uma estátua do Nosso Senhor Jesus Cristo, uma estátua de Nossa Senhora (que não entram no adorno, evidentemente, embora você poderia criar a parte de estátuas ou quadros); tem tapeçarias e similares, coisas que você cobre o chão; tem coleção de discos, CDs,

long player, eu gosto muito dos discos de vinil, tenho um monte de discos de vinil; e eu tenho um monte de materiais que compro de cursos: curso de línguas, de ciência etc. (vivo fazendo esses cursinhos; é um material complexo que é composto, às vezes, de um livro, fitas cassete, CDs, DVDs etc., que eu agrupo como materiais de curso).

Quando fui classificar os meus livros organizei a minha biblioteca por espaço, formando assim uma espécie de círculo onde há uma divisão por assunto. Primeiro tem os livros de história da filosofia e dicionários especializados em filosofia (André Lalande, Ferrater Mora etc.). Em seguida tem as obras dos próprios filósofos e respectivos comentaristas, mais ou menos em ordem cronológica — não foi possível seguir ordem cronológica estrita por causa do problema de espaço (às vezes tive de agrupar duas fileiras), mas de grosso modo, é uma ordem cronológica: começa com os pré-socráticos, passa por Platão e Aristóteles e vai até as últimas coisas que foram publicadas. Este livro que David Walsh acabou de publicar, por exemplo, chamado *A Luminosidade da Existência*, é um livro sobre a filosofia moderna e está lá nas últimas fileiras. [1:30] Indo mais adiante tem uma coleção de livros sobre ciências naturais e de psicologia; mais adiante tem livros de história (história geral, brasileira, americana) e livros de ciências sociais, ciência política, sociologia, economia etc.. Em seguida tem os livros de filologia, estudos literários, biografia de escritores etc.; em seguida as obras dos próprios escritores, poetas, romancistas, literatura imaginativa etc.. Mais adiante tem uma estante só de comunismo, dos clássicos até folhetos de propaganda etc., um material enorme só sobre esse assunto. Na outra estante estão os livros sobre o debate americano atual — tem uma parte da biblioteca que eu construí quase que inteiramente aqui onde o debate político não é feito através de jornal, programa de TV etc., o debate político é feito eminentemente através de livros; não se vê uma idéia ser discutida na televisão e nos jornais se antes ela não foi publicada em livro; se não tiver livro, desista (quando eles noticiam o seu livro, noticiam também a sua ideia e só aí ela começa a ser digna de ser discutida; isso em todas as facções: republicanos, conservadores, democratas). Depois tem uma parte só de livros de anticristianismo, Nova Era e todas essas coisas esquisitas que tem aparecido. Tem uma seção, no meio, em uma estante que fica do lado da minha escrivaninha que não está na parede, com livros de gramática e línguas e, em seguida, dicionários e enciclopédias, que eu tenho um monte — algumas enciclopédias gerais e outras especializadas como, por exemplo, uma enciclopédia católica, outra judaica etc. E uma estante, que fui obrigado a botar na outra sala porque é muito grande, de religião e esoterismo de modo geral. E, por fim, tem uma outra estante grande que está aqui à minha esquerda que tem duas coisas misturadas: uma são aqueles filósofos que eu gosto de ler sempre — não quer dizer que são os maiores filósofos, mas são aqueles que têm uma função especial para mim como Louis Lavelle, Eric Voegelin, Julian Marías — e, embaixo deles tem uma montanha de livros que são de todos os outros assuntos que eu separei como material da minha pesquisa sobre a mente revolucionária — podem ser livros de história da religião, livros de filosofia, livros de debate atual, mas que estão encaixados dentro da minha pesquisa; dos quais livros eu li e mais ou menos resumi até agora uns duzentos, e faltam outros trezentos. Quer dizer, esta é uma situação realmente aflitiva, e esses trezentos são justamente os que estão colocados ali, na estante do lado.

Não foi possível manter uma classificação dos livros como se faria em uma biblioteca, que é uma classificação estritamente objetiva, por assunto. Eu fui indo na classificação objetiva até certo ponto e, depois, criei uma classe que não é determinada pelo conteúdo dos livros, mas pelo uso que faço deles. Eu rompi a harmonia, só que a rompi por um motivo prático relevante. Existe uma classificação, mas nela se cruzam dois critérios diferentes, articulados um ao outro. Do mesmo modo, na classificação dos objetos: eu fui classificando os móveis, livros etc. e, de repente, tinha adornos. No meu escritório tem várias estátuas, quadros, naviozinhos, e cada um significa uma

coisa peculiar para mim; mas eu pude juntar tudo com este nome porque é a essa classe que eles pertencem objetivamente: adornos e objetos de coleção. Tenho uma estátua famosa do Antoine-Louis Barye, um leão comendo uma cobra, que ele fez para homenagear Napoleão III, se não me engano, quando esmagou uma revolução. Do lado tem o touro de Wall Street — a Wall Street tem dois bichos simbólicos: o touro e o urso; quando o mercado está subindo é o touro, porque o touro ataca de baixo para cima e, quando está baixando, é o urso, porque o urso ataca de cima para baixo. Então, coloco lá o touro de Wall Street na esperança de que o nosso trabalho vá para cima. Eu tenho também uma famosa coleção de canetas — todo mundo sabe que essa é uma demência que, depois de uma certa idade, afeta as pessoas e elas começam a fazer coleção; eu comecei a colecionar canetas célebres que marcaram a história das canetas. Há também uma outra série de estátuas e quadros, mas que são objetos de culto. Eu não olho a estátua Nosso Senhor Jesus Cristo, a estátua do Padre Pio ou a estátua de Santo Olavo como objetos de adorno; eu não posso olhá-las do mesmo jeito, pois elas estão lá para me recordar a presença de Deus, são objetos de culto. Ora, para mim esses são objetos de culto, mas se o sujeito for budista ou ateu poderá ter aquelas mesmas coisas na sua sala e elas não serão objetos de culto, serão adornos apenas. Nesse caso eu também quebrei a ordem classificatória; eu estava classificando as coisas pela sua natureza ou pela sua proveniência comercial — de que tipo de loja que nós compramos essas coisas. Os móveis, por exemplo, são comprados na loja de móveis, livros em livraria ou por internet, e assim por diante. E, de repente, fui obrigado a quebrar essa classificação porque tem uma classe especial de objetos dos quais eu faço um uso peculiar. De princípio classifiquei tudo pela natureza do objeto ou pela sua proveniência, e um deles pelo uso que eu faço — exatamente como aconteceu nos livros.

É exatamente isso que eu estou pedindo para vocês fazerem com os seus objetos. Vocês vão classificá-los e, ao mesmo tempo, vão ter de estar conscientes de quando mudaram a chave da classificação. Uma classificação inteiramente objetiva, baseada exclusivamente na natureza do objeto ou na proveniência comercial dele, uma terceira pessoa poderia fazer. Uma terceira pessoa que não o conhece faria uma classificação chapada, como você faz uma classificação de livros na biblioteca pelo sistema decimal. Por exemplo, você foi assassinado e entra um detetive ou um investigador na sua casa e faz a lista inteiramente objetiva; mas se for um biógrafo, alguém que vai escrever a sua biografia e sabe algo da sua vida mental interior, então ele sabe o que certos objetos representam para você e pode ser que ele também mude a chave classificatória. A classificação dos objetos, a aproximação deles em grupos, pode seguir uma infinidade de critérios.

Edmund Husserl, no seu livro *A Filosofia da Aritmética*, discute o conceito de número partindo exatamente de um exercício como esse. Ele diz que pode classificar os objetos por uma série de critérios e esses critérios sempre têm algo a ver com o que esses objetos são, mesmo no caso de uma classificação subjetiva onde eu abandono a chave puramente objetiva e designo os objetos pela função ou importância que eles têm para mim; ainda assim há uma referência ao que os objetos são. Esses critérios pelos quais se agrupa objetos em uma classe ele chama de *enlaces*. Ele diz que as classes são determinadas por diferentes tipos de enlaces, os quais, por sua vez, são determinados por algo que diz respeito ao que os objetos são. Se você conseguir enlaçar objetos sem nenhuma referência ao que eles são, sem nenhuma referência aos objetos propriamente ditos, isto chama-se *número*. Por exemplo, se for possível somar todos esses objetos: se você soma tantos livros, tantos móveis etc., você obtém um número. “Tem tantas coisas na minha sala” — você não disse nada a respeito das coisas. Isso não é propriamente uma definição de número; é uma definição mas não é uma definição pela essência, é uma definição pelo critério, pela técnica de construção, é uma definição como se faz em geometria, por exemplo. Como é que, em geometria, você define um círculo? Se você demarca um ponto, o conjunto de todos os pontos equidistantes deste ponto

tomado [1:40] como centro chama-se círculo. Ele não disse o que é um círculo, ele disse como se constrói um círculo geometricamente. A definição que Edmund Husserl dá de número é a definição construtiva, por contrução: como podemos construir a ideia de número. Não quer dizer que não haja outras maneiras de construir, mas esta é uma e ela funciona. Tanto que, muitos anos depois, ele questionou seu próprio livro de filosofia da aritmética, mas não nesse ponto.

A classificação é, em primeiro lugar, o reconhecimento de afinidades objetivas entre os vários objetos. Aristóteles começou a classificar as coisas porque estava estudando biologia e viu que, na multidão de seres vivos que ele estudava, às vezes, ao examinar um ser ele tirava conclusões que valiam para outros que tinham uma estrutura idêntica. Por exemplo, tem a famosa descrição que ele faz da embriologia do gato, que até hoje é considerada a descrição mais perfeita que alguém já fez. Ele sabe que aquilo vale para todos os gatos; antes, para todas as gatas. Ele notou que a única maneira de estudar isso era perceber quais são os entes que estão ligados por certas semelhanças estruturais permanentes — com isso, começou a ciência sistemática. Embora a noção de ciência tivesse sido criada por Platão, o primeiro sujeito que a colocou em prática foi Aristóteles. Então, sem classificação não dá nem para começar. A classificação é o princípio da ordem, não só da ordem no seu escritório. Dentro do meu escritório existe um tal número de objetos, é tanta, mas tanta coisa, que a ordem poderia parecer impossível, e no entanto até que a gente mantém, mais ou menos, até o limite do possível. Já quartos de crianças não são assim. Thomas Mann dizia que, cada vez que ele abria a porta do quarto dos seus filhos, tinha uma imagem do que seria a crise da civilização.

Esse exerciciozinho de aprender a classificar — e classificar sempre, tudo! — terá consequências intelectuais formidáveis para vocês, porque 99% dos erros que se fazem na avaliação de situações objetivas são erros de classificação. Quer dizer, o indivíduo classifica um elemento que ele está estudando dentro da categoria errada ou ele se confunde quanto ao critério: ele acha, por exemplo, que está fazendo uma classificação pela natureza e pela forma dos objetos, mas está fazendo, na verdade, pelo uso, pelo valor, pelo preço, pela origem etc.. O número de chaves classificatórias é ilimitado, mas elas se articulam e a articulação dessas chaves classificatórias dá exatamente o sistema das categorias de Aristóteles. As categorias, por sua vez, estão submetidas a uma outra chave classificatória que é a dos níveis de predicação, que Aristóteles chamava *os predicáveis*. Quando você diz algo a respeito do que quer que seja, ou você está dando a definição daquilo (está dizendo qual é a essência, a natureza daquilo), ou você está enquadrando em um determinado gênero sem a diferença específica — por exemplo, quando você diz “o gato é um animal”, sem especificar qual é a diferença entre eles e os outros animais. A definição seria o gênero mais a diferença específica. Então, ou você está definindo o objeto, ou você o está classificando dentro de um gênero, ou está falando de uma propriedade dele — propriedade é algo que decorre logicamente da definição mas não faz parte dela. Por exemplo: o homem é o único animal que joga futebol. Você pode até ensinar os cachorrinhos a jogar, mas eles vão jogar muito imperfeitamente, vão imitar; não existe um Mané Garrincha do futebol canino. Ou, por exemplo: o homem é o único animal que monta a cavalo; é uma coisa que nem os cavalos podem fazer. No entanto, isso não faz parte da definição de homem, é uma coisa que decorre dela. A definição é um círculo de possibilidades que estão inerentes à forma, à natureza daquele objeto; a definição não é uma forma estática nem dinâmica. A diferença entre o estático e o dinâmico é indiferente a definição.

Aquele cretino do David Bohm no livro *A Totalidade e a Ordem Implicada* (o título é bonito) diz que o grande problema do pensamento ocidental é que ele define as coisas estaticamente, ao passo que, na língua sânscrita, por exemplo, a palavra vaca não significa uma determinada forma animal,

mas é o animal que se move lentamente. Bom, essa vaca que se move lentamente é só uma vaca que se move ou são todas elas? Você está definindo a vaca por uma propriedade, a propriedade de mover-se lentamente. Essa propriedade, por sua vez, está implícita na definição de vaca por gênero próximo e diferença específica; então o que se acrescentou? Absolutamente nada! A definição de um ente é compatível com todas as propriedades que ele possa ter e com todas as variações que sejam compatíveis com aquela forma inicial. Portanto, uma definição não é nem estática e nem dinâmica. Uma vaca parada é tão vaca quanto uma vaca que está andando; a vaca que está sendo ordenhada é tão vaca quanto a vaca que está no pasto comendo. Todas essas possibilidades de ação e transformação a que os objetos estão sujeitos têm de ser compatíveis com a definição. Você sabe que um gato pode estar dormindo no sofá, estar em cima do telhado, pode estar transando com a gatinha, fazendo pipi no chão, mas ele não vai estar estudando alemão ou grego; você não vai ver o gato lá, sentadinho, com a gramática. O conjunto das possibilidades de ação do animal está todo compactamente contido na definição, quer estas ações estejam sendo praticadas ou não. Dizer que a definição de uma coisa é um conceito estático é uma coisa de uma burrice fora do comum. Mas hoje em dia, a inabilidade filosófica desses formadores de opinião é uma coisa monstruosa, e a principal inabilidade é a incapacidade de classificar as coisas e de compreender o sutil jogo dialético entre as várias chaves classificatórias que adotadas.

A Teoria dos Quatro Discursos é uma chave classificatória. Ela classifica os discursos segundo o seu modo de credibilidade, ou seja, que nível de credibilidade este discurso está tentando atingir. Por exemplo, uma peça de teatro ou um filme não está tentando o convencer de que aquilo aconteceu nem que aquilo vai, provavelmente, acontecer; está apenas o abrindo para a possibilidade de que aquilo aconteça. Ele não vai querer o convencer para além disso e, com os meios da literatura de ficção, não poderá passar disso, não tem jeito! Se o sujeito quiser ele pode escrever um romance comunista para converter todo mundo ao comunismo [1:50] — como fez Maxim Gorky. Em *A Mãe*, do Maxim Gorky, você derrama lágrimas ao ler, mas sai tão pouco comunista quanto era no início. Por quê? O que ele provou ali? Que certas coisas podem acontecer. E aí é como a resposta do português ao turista que perguntou se ele sabia onde fica o convento dos carmelos; ele responde: “ó, raios, e quem é que não sabe?”. Pode acontecer aquilo que aconteceu com os personagens de *A Mãe*, de Maxim Gorky? Ó, raios! E quem é que não sabe que pode!? O máximo que a literatura de ficção pode fazer é lhe mostrar que certas coisas são possíveis, ampliar o seu círculo de imaginação; ela não pode te persuadir de nada. Para persuadir teria de mudar a chave do discurso, teria de ser um discurso retórico. Mas acontece o seguinte: o discurso retórico tem de partir necessariamente das crenças que o distinto público já tem, e mostrar que aquele detalhezinho que o orador está querendo mostrar se encaixa já naquilo. Se você tiver de contestar as ideias do público já não dá para fazer um discurso retórico. Aliás, essa é uma coisa terrível; as pessoas que não gostam muito de mim mas que reconhecem alguma qualidade no meu trabalho dizem: “não, esse cara tem uma excelente retórica etc.”. Eles não sabem o que é retórica, eles não leram nem o meu livro sobre retórica. O que quer que conteste uma opinião dominante não pode fazê-lo por meios retóricos, é materialmente impossível, tem de usar um elemento dialético. Se os caras dissessem que eu tenho uma excelente dialética, isso eu até aceitaria; mas retórica? Você está na minoria absoluta e não pode tomar a opinião do distinto público como premissa, então não tem jeito de fazer um discurso retórico. Queria eu! Seria muito mais fácil.

Para convencer você precisaria usar elementos de retórica; para transformar a mera persuasão numa espécie de probabilidade científica você precisaria usar meios dialéticos; e para dar uma demonstração líquida e certa, precisaria da lógica analítica. Isso quer dizer que essa teoria classifica os discursos, a totalidade dos discursos, só pelo seu modo de credibilidade — por mais nenhuma

outra coisa. Não os classifica, por exemplo, pelo tamanho, ou pela sua estrutura e subdivisões internas, ou pelo seu modo específico de uso da linguagem. No estudo que eu fiz sobre os gêneros literários eu reconheço outra classificação, que não tem nada a ver com a Teoria dos Quatro Discursos. Eu relaciono os gêneros com o fenômeno dos tempos verbais, mostrando, por exemplo, que uma narrativa épica sempre se refere a coisas que teriam se passado num passado muito remoto; mas que uma narrativa dramática apresenta o passado como se estivesse presente. Em princípio, todo o teatro (...) — teatro e gênero dramático são sinônimos, o que não quer dizer que, dentro do teatro, não possa haver uma modalidade que é dramática e outra modalidade que é mais épica, sem poder chegar a ser totalmente épica. Do mesmo modo como no cinema. O cinema não pode se referir a uma coisa do passado, ele tem de mostrar a coisa do passado, e na hora em que mostrou ficou presente. A epopéia, no teatro e no cinema, são epopéias imperfeitas, epopéias de segundo grau. Esta classificação não tem nada a ver com o nível de credibilidade porque, em princípio, em qualquer dos gêneros, pode-se tentar alcançar qualquer nível de credibilidade — embora num seja mais fácil e noutro seja mais difícil, embora em uns tenha maior probabilidade de sucesso e em outros menos.

Existe ainda uma terceira classificação que eu aprendi com o Northrop Frye, que por sua vez a tirou de Aristóteles. Nela ele pega os personagens das obras de ficção, ele gradua as obras de ficção — ficção narrativa ou ficção dramática — de acordo com o grau de poder dos seus personagens:

(a) *Primeiro grau*: o personagem é Deus, é onipotente, pode fazero que quiser. No Gênesis Deus está lá, criando o mundo, faz e acontece etc., não tem ninguém contra.

(b) *Segundo grau*: tem o personagem que, sem ser Deus, tem certas propriedades divinas ou divinamente concedidas. Por exemplo, a história de Moisés, ou a vida de qualquer santo como a do Padre Pio de Pietrelcina. Embora ele seja apenas um ser humano, existe uma outra força que está em ação através dele.

(c) *Terceiro grau*: o personagem nem é Deus, nem é uma pessoa divinamente assistida, mas é uma pessoa de alta qualidade — ou por ser um governante, um homem muito podresoso, ou por ser um gênio das artes ou das ciências. Escreva aí o romance baseado na vida de Isaac Newton; ninguém vai dizer que ele foi assistido diretamente por Deus, pois ele escreveu tanta besteira em Teologia que certamente Deus não queria saber de muita conversa com ele. Mas era uma pessoa de elevada nobreza intelectual e, além disso, era um homem poderoso e influente, era uma pessoa especial, não um Zé Mané qualquer.

(d) *Quarto grau*: o sujeito é um Zé Mané como qualquer um de nós. É uma pessoa que tem o poder normal que um ser humano tem sobre si mesmo, dentro dos limites da situação.

(e) *Quinto grau*: o personagem está abaixo da situação — ou porque ele é um incapaz, ou porque ele é tão pobre que não tem poder para fazer nada, ou porque está numa situação tão adversa que ele não pode nem compreendê-la.

Essas classificações não têm nada a ver com as duas anteriores, mas você pode ir cruzando várias e várias classificações e criando outras. O que você estará fazendo? Estará medindo os objetos de acordo com várias perspectivas. As classificações são como grades. Não sei se vocês já viram essas grades de plástico ou de vidro com que os desenhistas medem as coisas, colocam a grade entre você e o objeto e ali medem; ou então medem com o lápis. Você está medindo esses objetos desde vários

ângulos. Quando chega a um certo ponto, de repente é como se o próprio objeto aparecesse na sua frente, mesmo porque não foi você que inventou essas várias chaves classificatórias, elas foram sugeridas por aspectos que os próprios objetos mostravam. Usando as várias grades classificatórias, você as vai cruzando e, de repente, a representação conceptual que você tem do objeto já não o mostra mais só num plano ou num certo aspecto, mas num cruzamento que o coloca, por assim dizer, no espaço. Aí, o nível de certeza que você tem a respeito do objeto é muito maior e, dificilmente, o que quer que alguém diga a respeito vai se sobrepor a isso — a não ser que o sujeito tenha observado sob mais aspectos e tenha percebido algo que você não percebeu; mas isso quase nunca acontece. A classificação é a base de toda atividade intelectual séria. Erros de raciocínio, de silogismo, de dedução errada são até raros, porque um computador faz uma dedução certinha. A dedução, a silogística, é a parte mecânica da lógica. Tanto que, na hora em que começaram a usar computadores, conseguiram sequências silogísticas muito mais perfeitas do que pelo exercício do pensamento natural humano. Mas e a classificação? A classificação depende da sua visão direta dos objetos e isso o computador não pode fazer. [2:00] Isso depende da experiência humana, que o computador não consegue ter. Para que ele tivesse experiência humana seria preciso não só que você o aperfeiçoasse do ponto de vista da percepção — dotá-lo de órgãos da percepção —, mas que você o colocasse numa situação de responsabilidade humana: ele teria de ter uma responsabilidade moral, ele teria que ter uma responsabilidade jurídica, ele teria que ter família, parentes etc.. Em suma, ele teria que ser tão parecido com um ser humano que ele seria um ser humano. E pra que fazer outro ser humano se nós já temos esse?

A posição real do filósofo perante a experiência real se torna translúcida através do exercício da classificação e do cruzamento das classificações. Nem todo cruzamento, é claro, tem propósito; alguns não têm, mas com o tempo você vai pegar a prática e com o decorrer do curso eu lhes darei muitas outras chaves. Você pode usar todas, até pegar prática e saber quando a categoria que você está usando para falar do objeto se aplica a ele ou não. Isso aqui é grego para a totalidade do mundo acadêmico, intelectual e jornalístico brasileiro. Eles não sabem isso, eu nunca vi quem soubesse, mesmo incluindo os melhores; eles não têm prática disso, não conseguem fazer. Se o sujeito, por exemplo, é economista, acredita ingenuamente que o fenômeno do qual ele está falando é um fenômeno econômico. Uma vez eu escandalizei um grupo de economistas dizendo pra eles que o dinheiro não é um fato de ordem econômica. O dinheiro não tem nada a ver com economia, zero! Por quê? O que que é um dinheiro? Dinheiro é um papel, um outro documento, um pedaço de metal, qualquer coisa que atesta que você tem direito a uma quantidade definida de uma mercadoria indefinida. Ou a uma outra quantidade de um mesmo documento que vale outro tanto. Portanto o dinheiro é o atestado de um direito, tanto que se não houver quem assegure este direito, o dinheiro não vale mais nada. Então é claro que o dinheiro é um fenômeno de ordem essencialmente jurídica, introduzido de fora na economia. E, portanto, é um elemento que aperfeiçoa a economia enormemente, porque introduz nas trocas econômicas o tipo de racionalidade na forma jurídica, onde o direito de um é determinado pela obrigação de um outro — havendo uma proporcionalidade entre as duas coisas. Então a ciência econômica por si não pode sequer definir o dinheiro, não é possível definir o dinheiro economicamente. Você pode enunciar propriedades econômicas do dinheiro, como por exemplo: uma propriedade é que o próprio dinheiro pode ser um objeto de troca; uma outra propriedade é que ele é um objeto que serve para medir as trocas. Isso são propriedades econômicas do dinheiro, não são a definição. A definição econômica do dinheiro é impossível porque o dinheiro não é um fenômeno de ordem econômica, ele é um fenômeno de ordem jurídica que se sobrepõe à atividade econômica e introduz nela a racionalidade de tipo jurídico. Por que tantos economistas não perceberam isso? Porque eles já olhavam o objeto partindo do ponto de

vista que as chaves classificatórias das suas ciências são as mais adequadas para aquilo. Ou seja, não estão acostumados a trocar de chaves.

Se você pensar bem, uma ciência é um conjunto de chaves classificatórias. Então, uma vez aplicadas essas várias chaves classificatórias, pode-se formular hipóteses e daí estas hipóteses podem ser testadas por este ou aquele meio. E quando se fala em método científico, eles estão falando precisamente deste método de averiguação das hipóteses. Mas isso é o fim, esse é apenas o último processo, é a última etapa do processo e é a mais fácil de todas. O difícil é a classificação inicial. Todo mundo sabe, por exemplo, que em biologia há certos entes que são difíceis dizer se eles são vegetais ou animais. Então você encontrou ali um caso limítrofe, o que significa que a chave classificatória da sua ciência está falhando com relação àquele objeto. Talvez eles não possam ser classificados biologicamente, ou talvez você precise de outra chave. Eu já vi gente dizendo assim que a noção lógica de espécie não existe, ela é apenas um formalismo da nossa mente e a prova disto é que existem entes que você não consegue classificar, como animais ou vegetais. Ou seja, da impossibilidade de aplicar com bons efeitos uma determinada chave classificatória o sujeito conclui que todas elas são apenas criações formais da mente humana projetadas sobre um mundo exterior. Mas isso é de uma burrice enorme! Eu já vi tanta gente dizendo isso, que é de uma burrice monumental. Assim como eu já li em vários autores, sobretudo universitários, professor brasileiro afirma isso com uma tranquilidade: Aristóteles pegou apenas as categorias da linguagem, categorias da gramática, e as aplicou aos seres. Bom, em primeiro lugar é o seguinte: não havia gramática no tempo de Aristóteles; a gramática foi desenvolvida depois com base nas categorias de Aristóteles e, portanto ele não pode tê-las tirado de uma ciência inexistente para fundamentar uma ciência existente. E assim por diante. Esses exemplos de inabilidade são inúmeros. Quando você começa a percebê-los, vê que de fato nós estamos diante de um estado de catástrofe intelectual onde a quase totalidade das pessoas tidas como preparadas e cultas, e cuja as opiniões se transformam em medidas administrativas, em leis, em programas obrigatórias de ensino etc., são inaptas. Essas pessoas são uma multidão. E se ninguém introduzir nem um pouco de ordem nisso os efeitos que eles vão obter serão cada vez mais catastróficos. Quando você vê no que as escolas se transformaram — em pontos de venda de droga, em lugares preferencias para a prática de determinados crimes etc. —, isso não aconteceu à toa, aconteceu porque a autoridade para legislar sobre as escolas foi dada por estas e para estas pessoas que não são capazes de distinguir um elefante de uma equação de segundo grau.

Então vocês farão este exercício: primeiro vai classificar e depois vai esclarecer para si mesmo quais são as diversas chaves classificatórias que você usou, e porque você mudou de chave. Assim como você pode fazer isso com os objetos que estão na sua sala, no seu escritório, na sua cozinha etc., você pode fazer com muitos outros fenômenos. Você pode fazer com teorias, com correntes de pensamento, com estilos artísticos e assim por diante. Só que primeiro você tem de praticar o maior número de chaves possíveis com plena compreensão de qual é o intuito, qual é o que os latinos chamam de *ratio analogandi* — qual é a razão de se ter criado uma analogia entre determinados objetos e outros não. Aqui, por exemplo, temos dois livros de história da filosofia, que estão nesta estante, ali tem outros dois livros de história da filosofia que estão numa outra estante; por que você fez isso? Porque aqueles estão analogados pela sua matéria e estes aqui estão analogados pelo meu interesse em obter deles certas informações que interessam a mim para um trabalho específico; e assim por diante.

No terceiro capítulo desta aula eu desejava complementar algumas coisas que dei na aula anterior, que eu falei daquela transição inaugural da modernidade. E mostrei porque que houve ali [2:10] um deslocamento entre o problema que estava acontecendo e a reação das pessoas. Reação seja dos

adversários das novas filosofias, seja dos próprios adéptos delas. Então é como se tivesse havido um debate que não correspondia exatamente às modificações que estavam sendo propóstas. Ou sera, as modificações não foram realmente discutidas, foram discutidas perifericamente. O que é isso? É um erro de chave classificatória. Então eu vou lhes dar mais um exemplo. Inúmeros manuais de história da cultura, história das idéias, história da filosofia demarcam esse período do início da modernidade como um período onde o pensamento teológico e mágico — eles já juntam as duas coisas — foi substituído pelo pensamento científico racional. E todo mundo repete isso sem cerimônia. Quando você vai ver a coisa substantivamente, você vê que todos ou quase todos os próceres da modernidade, os próceres da nova ciência — Newton, Francis Bacon e outros — não só continuaram apegados a certas práticas de pensamento mágico, supostamente ligados a um período anterior, como eles deram a estas modalidades de pensamento uma importância e um valor infinitamente maior do que tinham durante a Idade Média. A Astrologia é um exemplo. Qual era o posto da Astrologia dentro do pensamento Escolástico medieval? Não só Escolástico mas desde a Patrística. Se você pegar de Sto. Agostinho até Sto. Tomas de Aquino, passando por Sto. Boaventura, Duns Scot; o que eles pensavam de Astrologia? Eles pensavam duas coisas: primeiro, a influência dos astros sobre o ambiente terrestre é um fato, todos eles acreditavam nisso. Não sabiam que tipo de influência era essa, havia várias hipóteses e discussões; mas acreditavam na existência disso. Porém a técnica astrológica, a técnica que os astrólogos usam para astrologia preditiva em geral são charlatenescas, então é melhor afastar-se delas. Praticamente durante todo este período que vai desde a antiguidade até o início da modernidade — a Renascença e o Iluminismo —, praticamente todas as críticas que foram feitas à Astrologia foram feitas por pessoas que acreditavam nos fundamentos dela; praticamente não tem um que negasse isso completamente. No entanto, como não havia muitos meios de esclarecer que tipo de influência era aquela, que tipo de relação existia afinal de contas, então os escolásticos deixavam isso de lado como um problema que ia sendo “empurrado com a barriga”. A última e mais brilhante teoria enunciada foi a de Sto. Tomás de Aquino na *Summa Contra os Gentios*. Eu já dei vários cursos sobre isso e pretendo voltar; vou encaixar isso dentro deste curso pois esse é um elemento muito importante para nós.

O raciocínio de Sto. Tomás de Aquino é muito simples. Ele diz: Deus move os corpos inferiores pelos corpos superiores, e os corpos superiores são superiores em volume e tamanho. Porém eles são corpos, eles não são pessoas, eles não são anjos, nem demônios; eles são corpos. Então, naturalmente, eles só podem agir por alguma via corporal. Isso quer dizer que se a posição dos astros no céu mexem alguma coisa com o ser humano, só pode mexer nele através do corpo, não é uma influência anímica, na alma, na psique. Sto. Tomás de Aquino voltava a subscrever a tese que era do próprio Sto. Agostinho, oito séculos antes. Sto. Agostinho abominava os astrólogos, mas ele dizia que muito provavelmente os astros, através da influência que exercem na formação embrionária humana, tem algo a ver com a forma do corpo humano e esta forma do corpo determina certas limitações à atividade psíquica — por exemplo através dos vários temperamentos ou caracteres herdados. Ele estava sub-entendendo alguma ligação dos astros com a genética, sugerindo que este problema só seria esclarecido quando eles tivessem uma idéia certa da ligação de uma coisa com a outra — “não temos uma idéia, então fica aí um ponto de interrogação”. E Sto. Tomas de Aquino também deixou um ponto de interrogação.

Outro exemplo é a Reforma Protestante. Hoje em dia, se falamos de astrologia com qualquer protestante aí no Brasil e sobre tudo aqui nos Estados Unidos, eles falam “vá de retro, Satanás!”, “isso é coisa do demônio.” Eles abominam, condenam tudo e não querem nem que investigue. Porém quem foi que colocou a Astrologia em moda, na modernidade? Foram os Protestantes, o pessoal da Reforma. Lutero pessoalmente não gostava muito da coisa e não falou nada a respeito;

mas o seu braço direito, chamado Melâncton, escreveu muita coisa a respeito de astrologia e criou a moda que se disseminou entre quase todos os pensadores reformistas, de tentarem interpretar as profecias bíblicas usando elementos de astrologia, sobretudo a cronologia a que a Astrologia dava base. Então a leitura astrológica dos profetas — da profecia de Daniel, Ezequiel etc. — virou moda entre os protestantes. Por que acontecia isso? Porque eles não aceitavam os cânones tradicionais de interpretação bíblica da igreja Católica, então eles tentaram inventar outra e a tiraram do lixo. Os protestantes que estão me ouvindo me desculpem, mas foi tirado do lixo. A maior parte daquele manancial de idéias astrológicas que circularam durante a Idade Média era lixo mesmo. Tinha alguns camaradas que estavam tentando descobrir seriamente o que era, mas o astrólogo não fazia isso, ele enunciava profecias com a maior facilidade e ganhava uma grana com isso. Os escolásticos os condenavam não porque não acreditavam na influência dos astros, mas porque achavam que aquilo ainda não dava base para uma técnica analítica preditiva. Então eles diziam: “essa técnica foi toda inventada, é tudo maluquice, são resíduos de mitos pagãos; é claro que de vez em quando o sujeito pode acertar alguma coisa, mas nós não temos um critério ainda”. A prova de que eles estavam conscientes de que não tinha um critério são os cinco capítulos importantíssimos da *Summa Contra os Gentios* nos quais Sto. Tomas de Aquino — depois de correr toda esta água entre Sto. Agostinho e ele — ainda estava tentando equacionar o problema, e vendo por onde ele deveria ser investigado.

Enquanto Sto. Tomás de Aquino ainda estava tentando criar a chave classificatória para poder investigar o fenômeno, os astrólogos já estavam usando de uma ciência inexistente, de uma ciência do futuro, para fazer previsões etc. O pessoal da Reforma começou a usar esses critérios astrológicos para interpretar profecias e fazer profecias. Eles achavam que confluindo a profecia bíblica e os trânsitos planetários, juntando essas duas coisas, obtém-se a certeza absoluta. À luz dessas convergências, desses dois fatores, eles interpretavam até as suas próprias ações — a Reforma Protestante se auto-interpretou assim. Do ponto de vista do teólogo católico aquilo era de um puerilismo absurdo; eles estavam fazendo das tripas coração para ver se entendiam o sentido do texto e se, por outro lado, eles esclareciam que raio de coisa era a tal da influência dos astros. De repente os reformistas protestantes pegam uma ciência que não existe ainda, uma ciência que é meramente hipotética, e a aplicam à interpretação das profecias bíblicas para que concluir que eles eram os enviados. Eles são os precursores, os inauguradores da Nova Era. Se não fosse a Reforma Protestante não teria havido a moda de Astrologia na Renascença — claro que não são eles os únicos culpados. Os Humanistas também contribuíram para isso. Na Idade Média, o estudo das letras, dos textos, se dividiam em Letras Divinas e Letras Humanas. [2:20] Humanista era o sujeito que se interessava mais pelas Letras Humanas — os poetas, os historiadores etc. — da antiguidade. Então, dentro do seu culto da antiguidade greco-romana eles revalorizaram a astrologia greco-romana, e também espalharam uma onda de astrologia pelo mundo.

Terceiro: a maioria dos grandes cientistas que começaram a Modernidade estava profundamente inspirada pelas idéias protestantes e queria criar uma nova teologia, que integraria exatamente aqueles mesmos elementos que os teólogos protestantes estavam tentando integrar. Se você estudar a obra de Isaac Newton você verá que o propósito integral dele era isto: criar uma ciência universal baseada na profecia bíblica e em elementos astrológicos. Toda a teoria da gravitação universal era pra ele um capítulo da teologia, era um estudo, conforme ele entendia, do que seria o aparato sensório de Deus; o espaço-tempo era o aparato sensório de Deus. Então esse seria um dos fundamentos da teologia dele, a qual não tem pé nem cabeça. O único pedaço que tem pé e cabeça é a teoria da Gravitação Universal. Porém, tal como eu lhes expliquei, numa época anterior a teoria da Gravitação Universal não seria aceita como ciência, porque era apenas um mecanismo descritivo

sem inteligibilidade intrínseca — não se sabe de fato o que quer dizer aquilo, sabe-se apenas que tem um fenômeno que acontece assim. Quando aquela mania astrológica e profética começou “a fazer água”, retroativamente os camaradas decidiram apagar a pista do que eles mesmos tinham feito e separaram da obra de Newton só aquele pedacinho que era matematicamente defensável e disseram: a nossa ciência é isto. Eles produziram esta imensa falsificação histórica que acaba jogando para a Idade Média a onda mágico-astrológica que os próprios próceres da modernidade criaram, e da qual a Igreja Católica não tem culpa nenhuma — ela foi contra tudo isso.

Notem como um debate durante séculos pode não somente ser totalmente falseado em relação aquilo que está realmente acontecendo, falseado pela paralaxe cognitiva — o sujeito está fazendo uma coisa, mas está falando de outra completamente diferente —, mas uma falsidade pode, historicamente, se consolidar durante séculos e ser retransmitida no ensino à todas as criancinhas do mundo. Quando vejo hoje em dia um evangélico condenando a Astrologia, eu logo penso “mas foram vocês que trouxeram isso, meu Deus do Céu! Você não lembra mais, mas foi seu bisavô, seu tetravô ideológico que inventou essa porcaria; não fomos nós, nós não temos nada a ver com isso”. E, naturalmente, no meu caso específico, a coisa fica muito cômica porque eu tenho a certeza do que estou falando. Eu li praticamente tudo que havia para ler de Astrologia até os anos oitenta, quando eu trabalhei investigando essa área, depois eu parei por pura exaustão; eu acompanhei todo o debate astrológico do século XX e lhes garanto que não houve nenhuma tentativa séria de equacionar aquilo cientificamente. Houve tentativas de provar que a Astrologia é científica — o que é uma besteira fora do comum — e houve tentativas de provar que a Astrologia é uma pseudo-ciência. Se estiverem referindo à técnica astrológica que os astrólogos usam, isso é pseudo-ciência mesmo. Porém, o fenômeno das influências, das correlações astrais em si mesmo, não é pseudo-ciência, mas um problema científico a ser elucidado.

Eu tive essa tremenda decepção com a classe dos debatedores de astrologia. Tive, inclusive, a oportunidade de debater com o astrônomo Ronaldo Mourão; ele falou tanta besteira e foi tão desmoralizado que prometeu nunca mais falar do assunto e cumpriu a palavra. Antigamente, toda semana ele escrevia um artigo contra Astrologia. Eu me lembro que o debate foi no programa da Márcia Peltier, acho que na TV Manchete, e foi um debate longo, como raramente se vê na televisão. Aquele programa tinha este mérito, ele dava tempo pra discutir o assunto de maneira mais ou menos séria. Hoje em dia não, é cinco minutos pra cá, cinco minutos pra lá, e olhe lá. Tudo interrompido, o locutor o interrompe a cada dois minutos, você não consegue falar nada; mas ali ela deixava falar. O Ronaldo Mourão veio com besteiras deste tipo: todos os filósofos escolásticos fizeram contra a Astrologia. Não, eles eram contra a Astrologia tal como se praticava, mas todos eles acreditavam na influência dos astros. Me mostre um que negasse a influência dos astros, me mostre um, cite um. Ele não conseguiu citar nenhum. Eu, então, citei quatorze — não podia dizer a página exatamente, mas dizia o livro e mais ou menos o capítulo onde está. Quer dizer, o sujeito tinha entrado no debate sem estudar nada do assunto, zero!, baseado na sua autoridade de chefe do observatório do Valongo. Isso aí é a mesma coisa que, por exemplo, o filho do Lula querer opinar sobre física atômica com sua autoridade de funcionário do zoológico. É mais ou menos assim; só que isso no Brasil se tornou perfeitamente aceitável.

Então, a classificação é uma prática que vai lhes esclarecer muitas coisas. Você vai cometer milhares de erros no começo, não tem importância. Uma classificação, por exemplo, a qual eu me dediquei durante muito tempo foi esta: eu peguei todos esses livros de Astrologia antiga — não essas porcarias que saem hoje, mas clássicos da Astrologia como Guido Bonatti, Morin de Villefranche etc., — e comecei tentar classificá-los; porque tem uma classificação planetária de

lugares na terra, metais, plantas etc., e essas classificações divergiam — isso se chama em Astrologia as *Regências*. Então, por exemplo: planeta Saturno rege o metal chumbo, rege a planta tuia, rege a Turquia etc.. Eu notei que aquilo era todo um vocabulário simbólico que os caras usavam e decidi que queria entender do que eles estavam falando. Então, eu fazia tabelas e mais tabelas para ver se, por trás dos erros e divergências, havia alguma coisa que eles estavam querendo dizer mas não conseguiam. Isso foi o trabalho que pra mim rendeu muitas coisas; e até hoje rende. Naquele momento parecia que eu estava maluco. Eu fazia aqueles papéis cheios de quadradinhos, símbolos planetários com nomes de coisas, e quem visse eu fazendo aquilo diria que eu estava louco, definitivamente. Mas foi um trabalho muito útil, principalmente porque estava tentando classificar não objetos, mas concepções culturais a respeito de objetos simbólicos — a classificação do evanescente. Claro que eu não sugiro que vocês comecem classificando esse tipo de coisa, mas comece pelos móveis, pelas coisas do seu escritório e você vai ver como irá longe nisso aqui.

Muito bem, então por aí paramos. Já foram três horas de aula? Ah! Há uma coisa aqui que eu quero ler pra vocês, é muito bom este negócio, é muito bom. Aqui, um aluno me mandou uma mensagem:

Aluno: Prof. Olavo, mais uma vez felicitações por suas aulas. Tive uma idéia e caso o Sr. julgue algum mérito nela, fica a seu encargo o modo e o tempo com que tal ideia possa ser implementada. Caso a julgue inviável ou descabida, que seja descartada. Na última aula o Sr. mencionou que existe alunos seus que são empresários. Sei que a questão econômica não está de forma alguma dissociada da filosofia (...)

Olavo: Bem vamos ver onde ele vai chegar...

Aluno: (...) Eu sei que nem todos os membros desta comunidade contam com uma situação estável ou remediada, infelizmente. Por outro lado, outros integrantes têm a bênção da fartura. Pergunto: haveria alguma possibilidade de alunos seus, que têm o conhecimento de áreas específicas, como criação de negócios, mercado de capitais e finanças, interagirem com outros que têm interesse nessa área? Isso poderia acontecer por meio de um fórum específico. Quem sabe se desta comunidade não poderiam surgir novas idéias para montagem de negócio por meio de sociedade entre membros da comunidade, novos empresários, formação de clubes de investimento a fim de conseguir melhores taxas de retorno; o leque de opções para investimento no mercado de capital nos Estados Unidos é muitíssimo maior que no Brasil, joint-ventures, etc. Quem tivesse conhecimento sobre este assunto poderia compartilhar com os demais interessados (...)

Olavo: Isto é maravilhoso, [2:30] é uma grande ideia; porque aqueles dos nossos alunos, que às vezes não tem recursos pessoais, às vezes podem cair no engodo da profissão universitária. Podem dizer que vão entrar na universidade e lá mudarão tudo. Não, você não vai mudar nada, você vai ser estupidificado, esmagado. Então, nada melhor do que a independência financeira. É o que você deve buscar; você não deve procurar emprego. Emprego não é natural no ser humano, índio sabe disso. Para índio só tem duas categorias: ou você é homem livre ou você é escravo; quem trabalha para o outro é escravo, não é uma situação normal nem confortável. Esta situação de empregado é uma situação específica que serve para determinados tipos de pessoas e que é boa para determinados tipos de pessoas — pessoas que não têm energia suficiente para conduzirem os seus próprios negócios e que tem de entrar em um esquema já montado no qual ele não tenha que tomar todas as decisões. Tem muita pessoa que é assim, às vezes não por incapacidade, mas porque simplesmente ele tem outros interesses, não tem tempo para pensar nisso; então ele prefere trabalhar para outro. Mas eu acho que para nós que somos gente de estudo, isso não é bom, a independência

sempre deve ser procurada. Então, por favor, aqueles que têm conhecimento efetivo, não é um diplominha não — qual é o teste: se você entende de mercado de capitais, quanto você ganhou lá? Eu não acredito em médico doente, advogado ladrão e economista pobre. Se o sujeito diz “eu estou bem, ganhei dinheiro no mercado de capital e entendo o negócio”, então ótimo. Quando o sujeito vier lhe dar lição, pergunte: “quanto que você ganhou neste negócio?”. Eu estudei um pouquinho dessa coisa, mas não o suficiente para eu me aventurar pessoalmente; foi só para, mais ou menos, saber como é que funciona.

Mas, por exemplo, se você quer saber, o Eric Voegelin no fim da vida dele ficou rico com esse negócio. Ele estudava, acompanhava aquelas cotações todo dia, investia aqui, tirava o dinheiro dali e investia lá; ficou rico. Ora, o que impede vocês de ficarem ricos também? E quanto mais alunos ricos ou independentes nós tivermos, mais independência terá esse projeto e esse empreendimento. No entanto, eu já vi casos de pessoas que me escrevem dizendo: “olha, eu lamento dizer, mas eu não tenho os trinta dólares para lhe pagar”; é uma miséria, mas tem gente que não tem isso. Então, eu até admito e faço o seguinte acordo: o aluno entra e fica sem pagar nada até o momento que puder; na hora que puder começa a pagar; não vou cobrar o atrasado, começa a pagar daquele ponto em diante. Isso tem sido meu hábito em todos os meus cursos; felizmente a maioria que entra assim logo fica bem das pernas e começa a poder pagar. Mas nós podemos fazer algo mais do que essa simples concessão, nós podemos botar em prática esta idéia do aluno; e esta ideia de fazer um fórum especial para isso é muito boa e nós vamos fazer, podem ter certeza. Sua sugestão foi muito bem-vinda, muito acertada e muito generosa, porque você já ganhou o seu dinheiro e está querendo ensinar seus amigos a ganhar dinheiro. Ótimo, perfeito, então, nós vamos tocar isso adiante.

Bom, nas próximas aulas eu espero dar mais alguns detalhes sobre o curso da leitura em inglês que eu anunciei para vocês. Nós estamos preparando isso; não é uma coisa que possa ser improvisada, deve ser pensada. Eu não sei exatamente a data que vai começar — acho que nós vamos pelo menos mais um mês na preparação disso —, mas depois darei mais informações, trarei aqui a Margarita Noyes para que vocês a conheçam, e logo anuncio a data certa.

Será que eles têm gasolina ainda para eu responder a uma pergunta?

Aluno: Professor, seria acertado pensar que a guerra cultural no Brasil deve ser feita primordialmente no nível do discurso poético? Percebo que artistas de má índole conseguem levar de roldão com suas obras toda opinião pública esquerdista chique, terminando por suscitar aos formadores de opiniões, através do controle do imaginário, ojeriza aos valores tradicionais cristãos.

Olavo: Bom, em partes você tem razão, essas pretensas obras de arte são instrumento ideológico fundamental hoje no Brasil. Porém, nós não temos de pensar em termos de guerra cultural ainda, nós temos que pensar na formação de vocês. Nós não estamos em guerra, aqui é a academia militar, nós só fazemos guerrinha de brinquedo, são manobras. É cedo ainda para nós pensarmos o que fazer na sociedade, por enquanto é o que fazer conosco mesmos.

Aluno: Existe alguma técnica para fazer perguntas para colocar as idéias conscientes em ordem correta?

Olavo: Acabei de lhe dar.

Aluno: No meio jurídico brasileiro, Jürgen Habermas é simplesmente adorado como o grande filósofo das últimas décadas.

Olavo: Jürgen Habermas é quase um retardado mental, coitadinho. Ele é adorado porque é um filósofo que está na altura do QI desses fulanos, ele é um garoto propaganda da escola de Frankfurt, ele não é sequer um membro; ele é o último, rebento e o mais fraquinho. Os primeiros da escola de Frankfurt, como o Max Horkheimer e Karl Wittfogel, eram pessoas de altíssimo preparo. A obra de Karl Wittfogel sobre despotismo oriental, embora esteja cheia de erros, ainda revela um domínio muito grande de certos problemas.

Aluno: Na aula final de 21 de novembro, o Senhor aborda aspectos do aprendizado da matemática relacionado com o conceito de ponto e reta. Como sou profissional da área, trabalho com física, sei que este e-mail vai aparentar uma ação sem a intenção elevada de investigar a verdade, mas apenas uma tentativa de salvar a minha pele. Na verdade não estou muito seguro, mas, com certeza, tenho esperança de que quaisquer que sejam as minhas intenções reais, este e-mail poderá servir de pretexto para que eu e outros alunos aprendamos ainda mais. O Senhor diz que quem aceita aquelas coisas do ginásio, passa de um ano não é um filósofo. Mas eu passei e aqui estou com alto grau de teimosia. Apreendi muita coisa no seu curso, de modo que agora tenho uma idéia vaga sobre a questão de pontos e retas. Para começar, o professor ginásial hoje em dia não tem o nível requerido para ensinar pessoas como o senhor faz, isso é um problema real que não dá para resolver. O ensino da matemática não deve parar por causa disso, infelizmente. Agora, o aluno comum não tem a maturidade necessária para aprender realmente que alguns aspectos fundamentais são a base da matemática. O que acontece na prática é o seguinte, a sociedade precisa de matemáticos, físicos e engenheiros (...)

Olavo: Veja bem, a necessidade que a sociedade tem disto ou daquilo não tem nada a ver com a nossa formação, e nem todas as necessidades que a sociedade tem são legítimas. A sociedade nazista, por exemplo, precisava de um monte de guardas de campo de concentração; a sociedade comunista precisava de um monte de funcionários da KGB. Isso cria uma necessidade social, nós não temos que pensar nisto. O que a sociedade precisa é problema dela, nós temos de ver o que nós precisamos. E, sobretudo, o fato de que a sociedade precise de certas pessoas, precise de mão de obra para certas áreas, não justifica de maneira alguma que o ensino de uma ciência seja deformado.

Existem certas noções de matemática que sem o exame filosófico delas você nunca entenderá do que estão falando. Por exemplo, a solução que encontrei para o problema ponto/reta/plano, foi muito simples, é uma solução platônica. O ponto não é uma noção intuitiva, o ponto é uma construção intelectual hipotética; o que é uma noção intuitiva é espaço. Então, é evidente que as figuras geométricas não se formam por soma de pontos — o que é um absurdo —, mas por supressão imaginária de certas propriedades do espaço; ou seja, abstração a partir do espaço. Uma coisa que é produto de abstração não pode ser intuitiva de maneira alguma, é uma abstração construtiva, você abstrai certos aspectos. Por exemplo, você abstrai todas as direções possíveis menos uma, tem uma reta; é assim que se conhece uma reta. Uma reta não é uma noção intuitiva, ela é construída mentalmente, e o ponto mais ainda. [2:40] Então, por supressão de propriedades do espaço, você obtém o sólido geométrico, as figuras planas, a reta e o ponto. É uma coisa tão simples que pode ser explicada em vinte minutos e não vai atrasar nenhum pouco o estudo da matemática. Se o professor tivesse dito isso para mim teria facilitado a minha vida; mas como ele não sabia isso, ele queria me impingir que o negócio é intuitivo — mesmo quando eu não estava intuindo nada, ele não estava intuindo nada e o resto da classe também não estava intuindo nada; e nunca ninguém

intuiu um ponto! Quer dizer, uma coisa que não mede nada, que não tem tamanho, como é que pode ser intuída? Intuir é ver as coisas no tempo e no espaço. É uma noção que não apenas é falsa, mas que ela desestrutura todo o restante do pensamento do cara. O cara nunca mais vai saber o que é uma intuição.

Aluno: (...) noventa por cento dos alunos, que nunca entenderam esses fundamentos, estão por aí construindo pontes (...)

Olavo: Que eles construam pontes está muito certo, mas o problema mesmo é que como eles têm a capacidade de construir pontes, eles querem interferir no debate de alta cultura. Outro dia eu estava vendo a entrevista do Dr. David Berlinski no YouTube, e apareceu um sujeito dizendo: “esse cara não entende nada de evolução; ele é professor de matemática, o que é que ele entende desse negócio de biologia?”. Daí eu deixei lá uma mensagem dizendo: “o senhor pode me esclarecer qual é a sua formação, o senhor é PhD em quê?” E o sujeito me respondeu: “em química”. Ah, está bom, obrigado, então agora estou informado que a evolução é um capítulo da química, obrigado por esclarecer a minha mente obscura.

Note bem, ninguém baseado na sua formação universitária pode opinar sobre nada. Não é uma formação universitária que dá isso; o que dá isso é o conhecimento efetivo. O conhecimento efetivo é dado pelo exame analítico e crítico de tudo que você está falando. Quem fez esse exame sabe do que está falando e sabe como as coisas são complicadas, sabe a diferença entre saber e não saber. Você quer saber o que é o conhecimento? O conhecimento é exatamente você saber a diferença entre saber e não saber. Hoje em dia, as pessoas enunciam teorias que são baseadas no acaso, mas o acaso não pode ser base de nenhuma teoria, você não pode teorizar com base nele. Dizer que uma coisa é por acaso, é dizer o seguinte: eu não tenho explicação. Então, se sua explicação é baseada no acaso, é porque você não sabe a diferença de ter uma explicação e não ter uma explicação.

Começou com o tal do Jacques Monod dizendo que tudo no mundo se explica pelo acaso e pela necessidade. Quer dizer, ou tem que acontecer necessariamente ou aconteceu não se sabe porquê. Você chama isso de teoria? Isso não é teoria, isso é um problema. Ou seja, você tem a impressão de que tudo que acontece ou tem um determinismo, ou tem um acaso — você tem um problema na mão. Examinando esse problema você pode criar uma teoria, mas isso o que ele diz não é uma teoria. O cara é prêmio Nobel de química e não sabe o que é uma teoria. O Richard Dawkins diz que tem o acaso e em cima tem o mecanismo evolucionário. Eu pergunto: ah é, “Zé Mané”, e onde termina um e onde começa o outro? E por que eles cruzam assim, tão miraculosamente; é por evolução ou é por acaso? Ele continua dizendo que há transformações randômicas, e essas transformações, depois, contribuem para a evolução, são selecionadas pela evolução. Ora, se tem um cruzamento de dois fatores heterogêneos, esse cruzamento é determinado por acaso ou é determinado pela evolução? Se for pela evolução, por que ela precisa do acaso? E se é por acaso como é que você pode dizer que tem uma lei de evolução? Então pronto, isso aí é “lauda um”, não dá para continuar discutir isso aí. Não importa a complexidade científica que o sujeito está crescente em cima disso. Quanto mais complexidade, mais burrice. O Sr. Dawkins não sabe o que é uma teoria. “Ah, ele estudou um bocado de biologia”. Tanto pior. É a mesma coisa se eu continuasse estudando geometria com o meu professor do colégio; eu iria conhecer um bocado de geometria, mas eu não ia entender nem geometria e nem o resto, e não ia nem entender o que me aconteceu. Então eu seria como um robô falante, um computador que você encheu de livros e livros de geometria. O computador vai entender alguma coisa? Não, ele vai simplesmente reproduzir aquilo e usar. É isso que você quer para si? Claro que, para construir pontes, o sujeito pode ser assim. Como

diz meu cunhado, “o macaco se você ensinar, ele vai saber”. O macaco pode construir uma ponte: você o ensina a apertar o botão do computador, ele aprende a fazer a conta. Mas isso não é humano. E dizer que a economia precisa disso ou daquilo; que se dane a economia! As necessidades econômicas não têm o direito de destruir a inteligência humana, mesmo porque uma economia que começa por destruir a inteligência humana não vai prosperar muito.

Aluno: (...) O cerne da questão é que o conceito do ponto não é um conceito que tem correspondência direta com qualquer coisa que exista (...)

Olavo: Então, se não tem correspondência com qualquer coisa que exista, não pode ser intuitivo. Agora, quando o sujeito lhe diz que o ponto elemento intuitivo, ele lhe ensinou uma falsidade sobre o ponto e outra falsidade sobre a intuição. Que isso é noção do ponto você pode até se esquecer, mas você já não saberá mais o que é intuir; você perdeu o que é o senso de evidência e o perdeu para sempre. “Ah, mas ele construiu o minhocão”. Eu garanto para você que o cara que construiu o minhocão não sabe o que é isso aqui. E será que vale a pena?

Aluno: (...) O processo da construção da reta, é um processo completamente formal sem correspondência com a realidade (...)

Olavo: É exatamente isso que eu estou dizendo. É um processo de abstração e construção, portanto é um conceito totalmente artificial, que você tem de construir porque não existe na realidade. Custa dizer isso, se isso é a verdade da coisa? Bom, se pelo menos o professor dissesse: “olha, eu não sei, isso também é um enigma, me ensinaram assim, eu estou vendendo o peixe pelo preço que comprei, eu sou uma besta quadrada”. Estaria bem; mas ele não deu o braço a torcer.

Aluno: (...) Veja só que curioso, em matemática acontece o inverso, o conceito de espaço é derivado do conceito de ponto, quando deveria ser o contrário (...)

Olavo: Pois é isso que estou dizendo. Esta foi a solução que eu encontrei aos 38 anos de vida, e está no meu estudo Questões de Simbolismo Geométrico — que aliás a solução não é nem minha, foi a solução que o Platão deu, no fim das contas.

Aluno: (...) É um processo que totalmente abstraído na terra com a realidade é um processo perfeitamente lógico e livre de paradoxo (...)

Olavo: Perfeitamente, é um processo de construção abstrativa. É inteiramente lógico, é inteiramente inventado. É como você inventar um edifício. Na hora que você está desenhando um edifício ele não existe, ele só teve a existência potencial, você o está construindo em um espaço imaginário.

Aluno: (...) Para entender como a reta é formada de pontos, você precisa entender esse aspecto, a reta não passa de uma definição lógica baseada no ponto, ela não se refere a algo real, toda a física é formada neste conceito (...)

Olavo: Mas é exatamente isso que eu disse (você lembra que ano nós publicamos aquele negócio do, O Simbolismo Geométrico? Nós publicamos em 85/86, estava pronto uns anos antes. Isso é exatamente o que eu estou dizendo lá). É claro que essa construção é absolutamente indispensável para toda a ciência. Toda a ciência precisa dessas construções, e quanto mais aperfeiçoada é a

ciência, mais vai precisar delas. Mas é o tal negócio, o que é que custa contar as coisas como elas são mesmas: “olhem, meus filhos, ciência se faz assim, assim, assim e assim”.

Aluno: (...) Gostaria de me aprofundar nesse aspecto, sobretudo na questão de Kantor. Tenho um grande interesse pelo estudo aprofundado dos milagres, o significado real dos milagres (...)

Olavo: Sobre o negócio dos milagres, tem um estudo meu chamado “O Que é um Milagre?”, que está na página www.voegelinview.com; procure lá no índice. Não é nem um estudo meu, é uma gravação de uma de aula minha, que alguém — não sei quem foi que fez, alguém lá do Eric Voegelin fórum, não sei o que Eliot — resumiu e colocou lá. Dê uma olhada lá que é um começo, é apenas um começo. Uma ciência dos milagres está para ser feita, podemos trabalhar nisso ai depois. Então é isso aí. [2:50] Muito obrigado pela sua mensagem, está realmente muitíssimo interessante.

Aluno: Comecei agora o curso de filosofia, mas fui aluno da Luciane (...)

Olavo: A Luciane Amato, do Paraná, faz um trabalho maravilhoso. Ela não gosta de dar aula assim para platéia, então ela pega um por um em uma espécie de cursinho particular, que é quase uma psicoterapia.

Aluno: (...) e assisti suas palestras de ética em Curitiba. Em alguns anos de leituras e estudos, junto com suas orientações, pude pelo menos preparar meu espírito para a compreensão da verdadeira meta da filosofia, compromisso com o conhecimento da verdade sem nenhum interesse de conquistar vantagens mundanas. Porém, nesses últimos dias, assistindo às suas últimas aulas e começando a ler o livro do René Girard, “Mentira Romântica e Verdade Romanesca”, começando a ter informações sobre a filosofia girardiana (...)

Olavo: Ela não é bem uma filosofia girardiana, aquilo é uma pesquisa antropológica. Subentende alguns elementos filosóficos, mas o objetivo não é filosofia.

Aluno: (...) me deparo com a sua [do Girard] descrição sobre os desejos miméticos, sobre o triângulo composto de: sujeito; sujeito que deseja (objeto degenerado); sujeito modelo (o sujeito que é imitado pelo sujeito que deseja) o mediador; tudo isto exposto como uma condição, uma essência da natureza humana. Então eu gostaria de saber, para quem está realmente interessado em aprender filosofia e conhecer a verdade, esse sujeito/modelo/mediador, presente na literatura romanesca, que Girard expõe em seu livro seria válido para quem quer começar estudar filosofia? (...)

Olavo: Eu acho que não; porque ele está falando de um processo que se dá em nível antropológico, quer dizer, um fenômeno da sociedade. Então, na sociedade acontece esta coisa que um determinado objeto é desejado: eu desejo um determinado objeto, não porque eu o desejo realmente, ou porque ele preenche alguma função por mim, ou porque gosto daquilo, mas porque um outro sujeito, que eu considero importante, deseja aquilo — isso é um fenômeno sociológico, antropológico que acontece. Isso não pode, jamais, ser extrapolado como explicação geral da natureza humana porque o desejo mimético é impossível se não existe o desejo direto. Não é que todo desejo é mimético e depois tem o desejo direto; não! Você não vai dizer que o bebê que está chorando porque ele quer mamadeira é por desejo mimético, só porque ele viu outro bebê chorando pela mamadeira também. Existe o desejo verdadeiro, direto, autêntico, genuíno, e ele depois se transforma em desejo mimético na esfera da cultura, não na esfera da natureza. Embora eu tenha

observado que existe desejo mimético entre os cachorros, mas não existe só o desejo mimético. Eu tenho um monte de cachorro, e então eu ofereço lá um pedaço de pão para um deles, e ele nem liga e vira as costas. Daí quando outro cachorro quer, imediatamente aquele primeiro cachorro volta e quer também. Mas isso acontece por quê? Porque naturalmente o cachorro tem fome — antes de ele ter desejo mimético ele tem fome. Aconteceu que aquele cachorro X, naquele momento, não tinha desejo genuíno e passou a ter desejo mimético porque viu o outro tomando dele. Desejo mimético é um desejo de segundo grau, que jamais pode ser extrapolado como um dado permanente da natureza humana, senão ele jamais poderia ser superado. O próprio fenômeno que o Girard descreve do advento do Cristianismo — aí já não estava falando do desejo mimético, mas do bode expiatório, quando o mecanismo do bode expiatório inverte e agora é a vítima que julga o carrasco —, jamais poderia ter acontecido. Então, a imitação de modelos nem sempre é desejo mimético. Desejo mimético é baseado sobretudo na inveja.

Eu espero que ninguém me imite por desejo mimético, porque ele, automaticamente, já faz do imitado um bode expiatório. E isso acontece, já aconteceu; mas isso é doente, evidentemente. É como este pessoal que aprendeu um pouquinho de coisa comigo e que depois saiu falando mal de mim para não reconhecer que aprendeu algo comigo; fingir que “ah, superei o Olavo”. Isso aí é desejo mimético, isso é doença. No entanto, se você tem a imitação correta e verdadeira do modelo, você não quer ser o modelo. Você quer pegar aquilo que o modelo está lhe dando; você não vai comer aquele modelo, não é um ato de antropofagia — como o desejo mimético, onde tão logo se assimile algo do sujeito você quer matá-lo, quer sumir com ele —, porque agora você que é. Você não vê em parte alguma Aristóteles querendo sumir com Platão. Ele aprendeu coisas com o Platão durante vinte anos. Mesmo onde ele diverge de Platão ele continua dizendo “nós os Platônicos”, e diz: “Platão é um homem tão grande que um homem mau não tem sequer o direito de elogiá-lo” — esse aí é o verdadeiro sentido do discipulado. Aristóteles era completamente diferente de Platão, ele afirmou a sua personalidade na convivência com Platão — ele não virou um Platãozinho —, e usou aquilo que Platão tinha construído e construiu em cima sem derrubá-lo. Então, essa é a verdadeira imitação, o aprendizado é isso. Agora, se é desejo mimético, sai para lá! Não vem com desejo mimético para cima de mim, porque eu não sou uma salsicha e você não é cachorro. Desejo mimético é assim: tem um cachorro lá na “televisão de cachorro” olhando os frangos, daí vem outro, que nem está com fome, que acabou de comer, e fica lá olhando também.

Aluno: (...) Um abraço e perdão pela horrível linguagem.

Olavo: Bom, o sujeito ter consciência de que a linguagem dele é horrível é um grande negócio. Quando eu leio as coisas que escrevi aos vinte anos só não vomito porque eu não jantei.

Aluno: O que o senhor pensa da obra “A História da Igreja de Cristo”, de Daniel-Rops? Vale a pena a aventura de encarar os dez volumes?

Olavo: É uma coisa maravilhosamente escrita, muita rica em informação, mas tem certos pontos que ele desaparece. Eu sugiro que, depois de ler a *História da Igreja de Cristo*, de Daniel Rops, você leia um único volume chamado *L'Eglise au risque de l'histoire*, do autor Jean Dumont. É um livro meio difícil de achar, mas ele corrige as partes faltantes do Daniel Rops (que é uma obra que continua válida). No Vaticano tem este costume de que as coisas têm de fazer “una bella figura”, tem-se de respeitar as aparências etc.; é uma maneira de você manter a instituição. Mas a noção da bela figura não pode sobrepor-se ao compromisso evangélico com a própria verdade — não se pode fazer isso. O Daniel-Rops é um homem muito culto, mas é um homem muito polido, muito

educado, não quer pisar no pé de ninguém, e isto é um problema, porque já dizia o poeta Terêncio: “Veritas odium parit” (a verdade gera o ódio). O que fizeram com Jesus Cristo? Se ele chegasse lá e contasse três ou quatro historinhas lisonjeiras, eles não iriam crucificá-Lo, iriam colocá-Lo no senado. Isso sempre pode acontecer, e nós podemos nos expor a isso; nós podemos e devemos correr o perigo da verdade. Por quê? Nós não somos Jesus Cristo; Jesus Cristo está acima de nós, Ele nos protege. Ele já foi lá, o negócio Dele era aquele mesmo, Ele sabia que ia ser sacrificado. Ele não está pedindo para nós a mesma coisa, não está dizendo “seja crucificado”. Ele disse: “Pegue a sua cruz e carregue”. Ele não disse “deixe-se pendurar na cruz” — isso pode até acontecer, mas não é o que Ele está pedindo, está pedindo muito menos, só um pouquinho —, e ao mesmo tempo Ele disse: “não vão tocar em um único fio de cabelo das vossas cabeças”. Ele não disse isso para todo mundo, mas para a maioria de nós. Então, não tente agradar as pessoas, tente agradar ao próprio Jesus Cristo, na medida da sua possibilidade. Já que você faz tanta besteira, tanto pecado, de vez em quando faça uma coisa boa, verdadeira, genuína e diga: “isso é Você que está aqui fazendo, não sou eu; porque eu mesmo só estaria fazendo besteira, mas Você me ensinou, Você me inspira, Você me dá até alguma força para fazer isso”. Isso você pode oferecer a Deus realmente.

Eu acho que não dá mais, acho que já foi. Dez e meia. Então, agora vocês vão para os embalos de sábado à noite, e nós aqui vamos comer uma comida chinesa. Até a semana que vem, muito obrigado.

Transcrição: Renato Gonçalves Borges, Rodrigo Franco, Maurício B. Doval, Davi Machado Santos
Revisão: Luiz de Carvalho, Mariana Belmonte